

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director-Presidente

ALFREDO C. DE F. ALVIM

Gerente :

VELVA P. DE SÁ FREIRE

Redacção : RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Officinas : RUA DO CARMO, 55-A

ASSIGNATURAS :

Para os Estados	um anno.....	10\$000
	6 mezes.....	6\$000
Para o Districto Federal	um anno....	9\$000
	6 mezes....	5\$000
União Postal.....		12\$000

## SUMMARIO

—	O sentimento republicano.
Dr Bastos de Avila..	O desenvolvimento physico da criança em idade escolar
Alba Nascimento....	A educação pela philosophia.
Jonathas Serrano...	Um programma de Português
—	Os programmas mineiros
Sebastiana Figueiredo	Noção das principaes unidades do systema metrico decimal.

Mestre Escola.....	Tres palavrinhas
—	Bibliographia
Othello Reis.....	Educação do homem e do cidadão
C. Padilha.....	Historia
Othello Reis.....	Geographia
Noemia Siqueira e Inah	—
Martini.....	Lingua Materna

## O SENTIMENTO REPUBLICANO

Não pode passar sem o applauso cordial mais effusivo o facto a que ainda uma vez assistimos no corrente anno, da commemoração civica do passamento daquelle grande soldado que em certa época soube com serena sobranceira encarnar o espirito da nacionalidade, votando á manutenção da ordem e á segurança do paiz todas as energias de que em abundancia o dotara a natureza.

O que é particularmente notavel na rememoração annual do Marechal de Ferro é que não a mantem apenas um grupo de contemporaneos e correligionarios politicos. Cada anno mais avulta o numero dos que vão publicamente a São João Baptista levar ao tumulo do egregio soldado a solidariedade com a Patria, e é a mocidade que vae assumindo o nobre compromisso de manter sempre vivaz a lembrança do energico Consolidador.

Nada pode ser mais grato a quem se ufana, como nós, de orientar, dentro de seus modestos recursos, aos que têm a seu cargo o preparo civico da juventude, do que consignar de publico este testemunho de que não morre a fé nos principios da democracia, erigidos em norma do governo em 89.

Precisamos, realmente, cultivar com accentuado amor a memoria daquelles grandes vultos que souberam com punho ferreo infundir o respeito da autoridade e elevar o nome da Republica. Haja sempre esta congregação dos espiritos em torno do monumento depositario dos restos mortaes daquelle que soube fazer calar os anhões revoltados e afogar o surto de tão vasta campanha de dissolução, ao mesmo tempo que dava ao estrangeiro inconveniente e ousado a resposta que tão famosa se tornou e que será a qualquer tempo o lemma com que nos ergueremos contra a arrogancia de outros quaesquer que julguem poder humilhar-nos : **A bala!**

Ao lado dessa commemoração, tão cara aos verdadeiros patriotas, queremos aqui lembrar, como altamente educativa da mocidade, a iniciativa do joven e já eminente politico a quem o

livre eleitorado de sua terra entregou a administração do Estado do Rio de Janeiro.

Resolveu S. Ex. que se iniciasse na grande unidade da Federação a que ora preside, uma larga propaganda para a glorificação dos principaes fluminenses que deram á campanha da Republica o melhor de seu talento e de sua energia.

Na execução desse programma de alta eficiencia para a cultura civica do paiz, realizou-se em dias de Junho ultimo a primeira das conferencias que se preparam, dissertando o deputado Manoel Duarte sobre os altissimos vultos de Quintino, Benjamin e Silve Jardim, tres filhos da gloriosa terra fluminense que foram maximos expoentes da campanha democratica.

Não ha palavras com que se encareça o valor dessa brilhante iniciativa e nós, que estamos directamente ligados aos que serão a mocidade de amanhã, queremos aqui exprimir o voto de que por toda parte se siga o programma do joveu estadista dr. Feliciano Sodré, de que advirão, estamos certos, opimos fructos na formação do caracter nacional, porque a verdade é que, e vamos transcrever as palavras do bem inspirado presidente do Estado, «a crise do momento, com o ser necessariamente transitoria, encerra, contudo, uma lição permanente a que não devemos desattender, mostrando-nos que o tempo de encontrar, perpetuar e cultuar os grandes motivos civicos communs que, a toda hora, na paz da mais serena actividade nacional, como nos mãos dias de violentas collisões de sentimentos, de idéaes e de opiniões, nos mantêm unidos e fraternos sob as inspirações dos interesses geraes, e nos indicam que ha, acima de tudo e de todos, uma responsabilidade que herdámos de nossos antepassados e em torno da qual devemos todos engrandecer incessantemente a Patria de nossos vindouros.»

Eis porque A ESCOLA PRIMARIA, que não é orgão de partido ou de paixão politica, vem pedir ao professorado nacional que lance suas vistas para a obra tão grandemente educativa e patriotica, em boa hora emprehendida pelo Sr. Feliciano Sodré.

# 1 — IDÉAS E FACTOS

## O desenvolvimento physico da creança em idade escolar

Notas da inspecção medica em Santa Cruz

Cerca de 790 creanças, precisamente 694, em idade escolar, de um e outro sexo, de 7 a 15 annos, foram examinadas em Santa Cruz durante o anno lectivo de 1924, tendo-se em vista a organização das respectivas fichas.

Graças á dedicação da esforçada Adjuncta Exma. Sra. D. Maria Julia Pourchet, o serviço foi levado a termo facilitando a deducção dos quadros abaixo explanados, com as tabellas de crescimento em peso e estatura.

Como é sabido, para a organização destes quadros dois são os methodos geralmente adoptados: o *generalizador* e o *individualizador*. Pelo primeiro fazem-se todas as mensurações em uma dada epoca, do maior numero possivel de individuos, registrando-se os resultados obtidos em fichas adequadas.

Classificadas estes fichas por sexos e estes pelas respectivas idades dos individuos, tiram-se as medias finaes que figurarão no quadro definitivo. E' um methodo rapido e tanto mais exacto quanto maior for o numero de individuos examinados; foi o seguido em Sta. Cruz.

No methodo individualizador as mensurações são feitas sobre um unico individuo ou grupo de individuos, sempre os mesmos em annos successivos. Considerando-se que os individuos escolhidos ou preferidos devem ser naturalmente os que se apresentam em melhores condições de saúde e desenvolvimento physico, as medias dest'arte obtidas serão sempre superiores ás mensurações directas nos casos particulares; indicam por conseguinte o gráo de desenvolvimento a que podem attingir certos individuos e não a media geral que de facto alcançam em sua maioria. E', ao demais um methodo demorado, a organização de um quadro com individuos de 7 a 15 annos demandando nunca menos de nove annos: foi entretanto o adoptado por Camerer.

Para as pesadas dos escolares em

Sta. Cruz, como aliás em todas as escolas do Districto Fedaral, a balança adoptada, de fabrico americano, typo Jones, dá o peso com approximação de um hectogramma.

As creanças são pesadas descalças, os meninos sem paletot ou blusa, em camisa e calça; as meninas, geralmente como se apresentam mas sem capas ou outros agasalhos quaesquer.

Para a estatura, as creanças tomam posição de modo a apresentarem calcanhares unidos, pontas dos pés afastados, braços cahidos ao longo do corpo, o olhar dirigido para a frente.

Com esses cuidados foram medidas e pesadas 694 creanças assim distribuidas por sexos:

694 ESCOLARES } 273 meninos  
421 meninas

e pos escolas:

694 ESCOLARES	1. MASCULINA	ALUMNOS 94
	6. mixta; 199 escolares	meninos 41
		meninas 158
	7.ª mixta; 137 escolares	meninos 46
meninas 91		
9.ª mixta; 264 escolares	meninos 92	
	meninas 272	

Classificadas por sexos e ordem de idade estas 694 creanças e tiradas a diferentes medias, tudo do modo por que ficou dito acima, obteve-se o seguinte quadro:

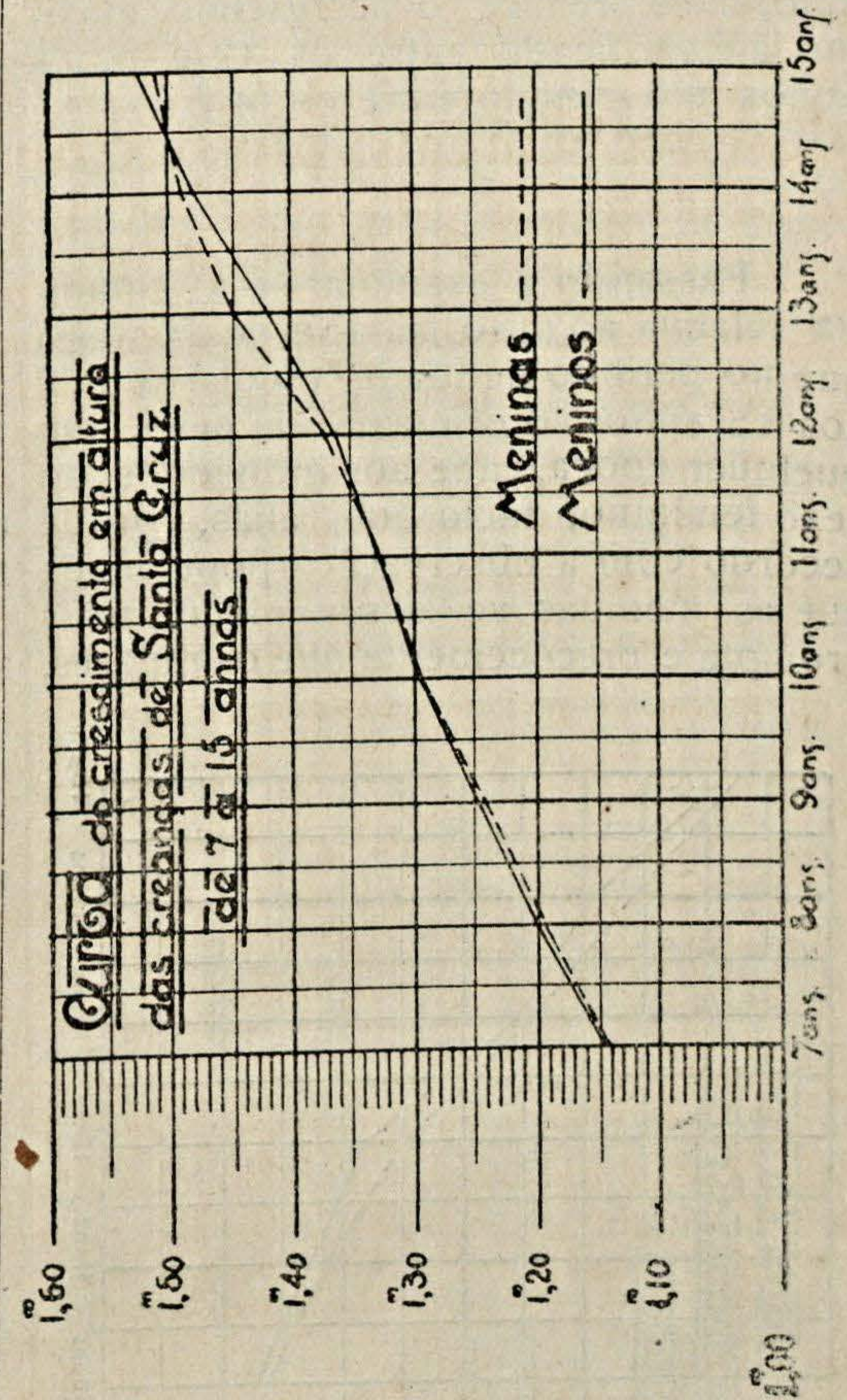
## Desenvolvimento physico do escolar em Sta. Cruz

S. masculino			S. feminino		
ESTATURA	PESO	IDADE	ESTATURA	PESO	IDADE
1m, 149	20 kg	273 7 annos	1m, 142	20 kg	422 7 annos
1m, 201	22 kg	224 8 "	1m, 191	22 kg	327 8 annos
1m, 245	24 kg	255 9 "	1m, 242	24 kg	559 9 annos
1m, 293	26 kg	565 10 "	1m, 294	26 kg	882 10 annos
1m, 329	28 kg	703 11 "	1m, 328	29 kg	383 11 annos
1m, 360	30 kg	803 12 "	1m, 371	32 kg	602 12 annos
1m, 417	37 kg	400 14 "	1m, 451	37 kg	826 14 annos
1m, 480	40 kg	301 13 "	1m, 487	41 kg	889 13 annos
1m, 525	45 kg	702 15 "	1m, 510	46 kg	530 15 annos

Tão instructiva quanto interessante é a comparação neste quadro das medias obtidas para cada um dos sexos, bem como a comparação englobada do mesmo quadro com outros referentes ás creanças da mesma idade e offerecidos pelos diversos autores.

(1) RAPIDA ANALYSE DOS RESULTADOS OBTIDOS PARA CADA SEXO COMPARADOS COM OS DO SEXO OPPOSTO

No que diz respeito á estatura, verifica-se que dos 7 aos 12 annos os alargismos não variam sensivelmente de um para outro sexo: as curvas que representassem o crescimento em estatura dos meninos como das meninas se confundiriam quasi; dos 12 aos 14 annos o crescimento nas meninas é mais accentuado que nos individuos do sexo opposto; as curvas imaginadas se destacariam sendo que a das meninas em nivel superior. Aos 15 annos, as curvas voltariam a coincidir com ligeira proeminencia da que se referisse aos meninos.



Do exposto resulta que o crescimento em estatura nem é identico nos dois sexos nem uniforme dentro de cada sexo, variando ao contrario de um para outro anno.

### Medias annuaes de crescimento em centimetros

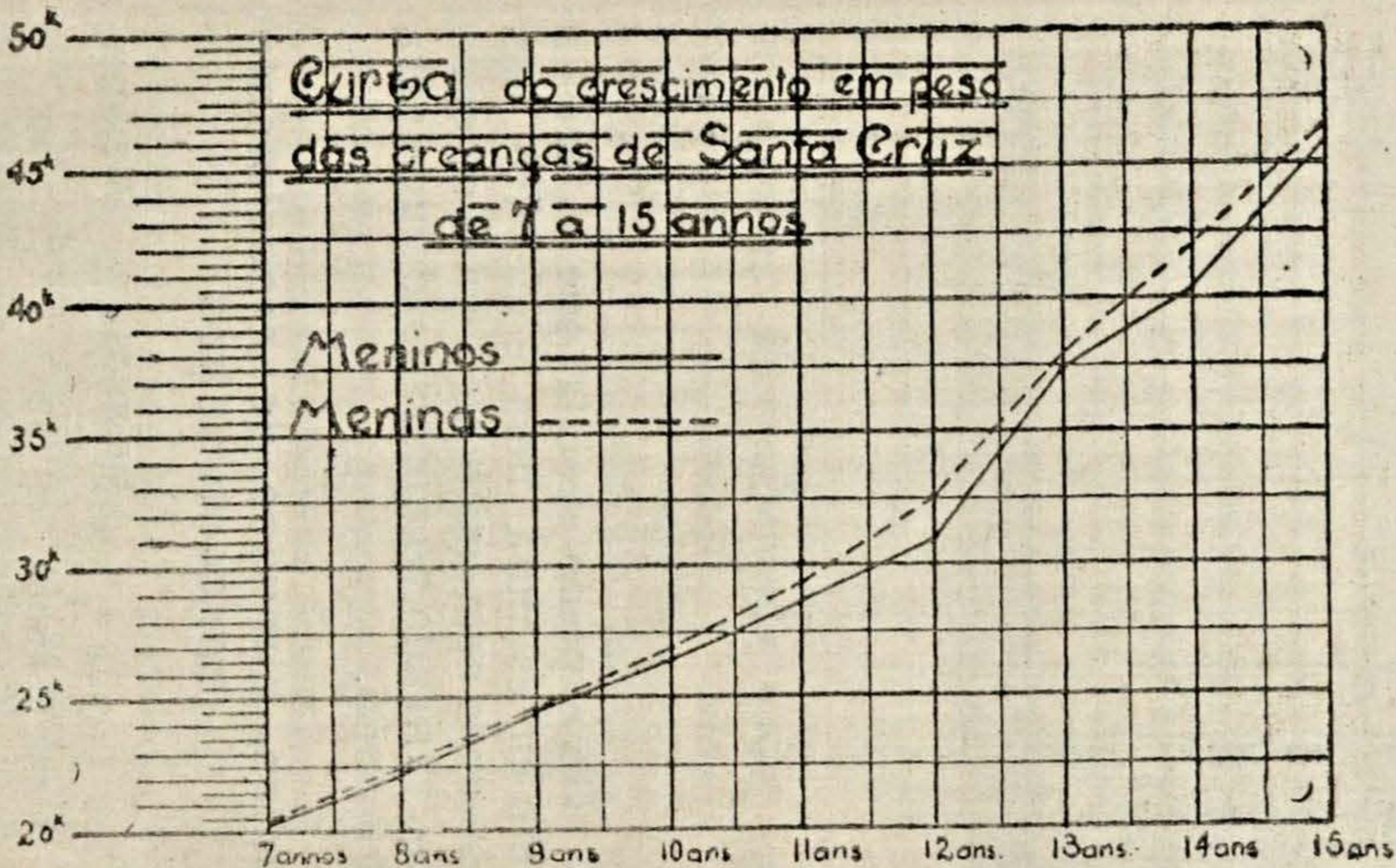
	MENINOS	MENINAS
De: 7 aos 8 annos	52	49
8 " 9 "	44	51
9 " 10 "	48	52
10 " 11 "	36	34
11 " 12 "	31	43
12 " 13 "	57	80
13 " 14 "	63	36
14 " 15 "	65	23

Uniforme que fosse o crescimento em estatura a media annual de acrescimo deveria ser de 46 1/2 cms. mais ou menos nos dois sexos.

Observe-se ainda que para o sexo masculino o acrescimo maximo se verifica entre os 14 e os 15 annos e o minimo

entre os 11 e os 12. Para o sexo feminino, mais precoce. O accrescimento máximo já é verificado entre os 12 e os 13 annos e o minimo entre os 14 e os 15.

Passando a examinar-se a columna relativa ao peso, nota-se desde logo que no periodo de idade escolar dos 7 aos 15 annos, a primazia em peso, em qualquer epoca, cabe aos individuos do sexo feminino, facto que, aliás, está de accordo com a observação popular de que as meninas se desenvolvem mais prompta e precocemente que os rapazes.



A curva do crescimento em peso mostra igualmente que o augmento annual não é uniforme, variando em um e outro sexo, e no mesmo sexo de anno para anno.

Uniforme que fosse a media annual de accrescimento deveria ser de 5 kg, 178 para os meninos e de 5 kg, 263 para as meninas.

Na realidade o accrescimento é representado pelos seguintes algarismos:

**Medias annuaes de accrescimento em peso**

Dos 7 aos 8 annos	MENINOS	MENINAS
8	1kg, 951	1kg, 905
9	2kg, 301	2kg, 232
10	2kg, 040	2kg, 323
11	2kg, 138	2kg, 501
12	2kg, 100	3kg, 219
13	6kg, 597	5kg, 224
14	2kg, 901	4kg, 063
15	5kg, 401	5kg, 621

O accrescimento maximo em peso nos dois sexos tem logar entre os 12 e os 13 annos de idade.

(II) COMPAREM-SE AGORA OS ALGARISMOS OBTIDOS EM STA. CRUZ COM OS RESULTADOS A QUE CHEGOU A INSPECTORIA MEDICA DE S. PAULO EM 1919.

**Cotejo dos resultados obtidos em Sta. Cruz com os deduzidos pela Inspectoria medica de S. Paulo e relativos a sua Capital**

**Sexo masculino**

ESTATURA	PESO	IDADE
Sta. Cruz	S. Paulo	
1m, 149	1m, 159	7 annos
1m, 201	1m, 203	8
1m, 245	1m, 251	9
1m, 293	1m, 305	10
1m, 329	1m, 341	11
1m, 360	1m, 375	12
1m, 417	1m, 428	13
1m, 480	1m, 491	14
1m, 525	1m, 521	15

**Sexo feminino**

ESTATURA	PESO	IDADE
Sta. Cruz	S. Paulo	
1m, 142	1m, 147	7 annos
1m, 191	1m, 193	8
1m, 242	1m, 246	9
1m, 294	1m, 301	10
1m, 328	1m, 345	11
1m, 371	1m, 389	12
1m, 451	1m, 468	13
1m, 487	1m, 495	14
1m, 510	1m, 513	15

Mostra o quadro acima, no que interessa á estatura que as medias obtidas

**Dufestel (1) apresenta os dados collegidos por Variot e Chaumet deduzidos de 4400 mensurações de escolares parisienses.**

**Sexo masculino**

PESO	ESTATURA	IDADE
Sta. Cruz	Dufestel	
20 kg, 273	1m, 149	7 annos
22 kg, 224	1m, 201	8
24 kg, 525	1m, 245	9
26 kg, 565	1m, 293	10
28 kg, 703	1m, 329	11
30 kg, 803	1m, 360	12
37 kg, 400	1m, 417	13
40 kg, 301	1m, 480	14
45 kg, 702	1m, 525	15

**Sexo feminino**

PESO	ESTATURA	IDADE
Sta. Cruz	Dufestel	
20 kg, 422	1m, 142	7 annos
22 kg, 327	1m, 191	8
24 kg, 559	1m, 242	9
26 kg, 882	1m, 294	10
29 kg, 383	1m, 328	11
32 kg, 602	1m, 371	12
37 kg, 826	1m, 451	13
41 kg, 889	1m, 487	14
46 kg, 530	1m, 510	15

1) Dufestel - Hygiène scolaire - Paris - 1914.

**Cotejo dos dados offerecidos por Heubner segundo as determinações de Camerer**

**Sexo masculino**

PESO	ESTATURA	IDADE
Sta. Cruz	Camerer	
20 kg, 273	1m, 149	7 annos
22 kg, 224	1m, 201	8
24 kg, 525	1m, 245	9
26 kg, 565	1m, 293	10
28 kg, 703	1m, 329	11
30 kg, 803	1m, 360	12
37 kg, 400	1m, 417	13
40 kg, 301	1m, 480	14
45 kg, 702	1m, 525	15

**Sexo feminino**

PESO	ESTATURA	IDADE
Sta. Cruz	Camerer	
20 kg, 422	1m, 142	7 annos
22 kg, 327	1m, 191	8
24 kg, 559	1m, 242	9
26 kg, 882	1m, 294	10
29 kg, 383	1m, 328	11
32 kg, 602	1m, 371	12
37 kg, 826	1m, 451	13
41 kg, 889	1m, 487	14
46 kg, 530	1m, 510	15

em S. Paulo são superiores ás de Sta. Cruz em um e outro sexo, e que quanto ao peso, cabe ainda a superioridade a S. Paulo nos individuos de sexo masculino até aos 12 annos: d'ahi por diante as vantagens pendem para Sta. Cruz. Não assim para os individuos do sexo feminino em que a primazia cabe a S. Paulo em qualquer das idades consideradas. Em resumo, é manifesta a superioridade em desenvolvimento physico da escolar paulistano comparado com o de Sta. Cruz, da mesma idade. E' este um resultado a que se poderia chegar a priori conhecidas como são as condições sociaes da adiantada e progressista Capital de S. Paulo e o estado de pobreza da maioria da população escolar de Sta. Cruz, minada pelo paludismo e pelas verminoses.

O cotejo dos dados acima expostos mostra que o escolar parisiense até aos 13 annos apresenta em peso medias inferiores ás obtidas para o escolar de Sta. Cruz de mesma idade: aos 14 e aos 15 annos as medias parisienses são superiores. Isto no que respeito ao sexo masculino. No sexo opposto, a superioridade das medias collegidas por Variot e Chaumet já se verifica a partir dos 12 annos de idade. Quanto á estatura, no sexo masculino, as medias se approximam até aos 11 annos ora com vantagem ora com desvantagem para o escolar de Sta. Cruz: desta idade em diante, cabe a primazia a á creança parisiense. No sexo feminino a superioridade da medias pende para o escolar parisiense em qualquer idade a partir dos 8 annos.

O quadro mostra ao primeiro exame a grande superioridade, quanto ao peso que no sexo masculino apresentam as medias offerecidas por Heubner comparadas com os dados obtidos em Sta. Cruz. Nos individuos do scxo feminino entretanto, a superioridade não é tão manifesta e desaparece mesmo aos 10 e aos 11 annos com vantagem para a menina de Sta. Cruz.

No que respeita á estatura, as differenças ora pró ora contra os escolares de Sta. Cruz, não são muito sensiveis, relevando notar-se que aos 12 annos as medias encontradas para os individuos do sexo masculino são absolutamente iguaes, e apresentam uma differença de 2 millimetros contra o escolar de Sta. Cruz, para os individuos do sexo feminino da mesma idade.

Em conclusão, da analyse das differentes tabellas apresentadas, é licito deduzir-se que o desenvolvimento phisico do escolar em Sta. Cruz não apresentando typos de excepcional inferioridade, poderia entretanto ser mais apreciavel si outras fossem as condições sociaes da população do afastado bairro carioca, reconhecidamente pobre e, o que é peor, acoçada como ficou dito pelo paludismo e pelas verminoses.

Uma outra conclusão se impõe: não somente de inspecção mas tambem de assistencia medica necessitam e muito as escolas do Districto.

Dr. Bastos de Avila

Medico escolar do Districto Federal

## Colleção do anno 1924-25 d'A Escola Primaria

Forma um volume de mais de 300 paginas  
com indice alphabetico

Artigos doutrinarios  
Lições e exercicios praticos que constituem  
excellente guia para o professor

PREÇO	encadernada . . . . .	14\$000
	cartonada . . . . .	12\$000
	em avulsos . . . . .	11\$000

Dirigir os pedidos á Redacção d'A ESCOLA PRIMARIA

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

## A EDUCAÇÃO PELA PHILOSOPHIA

### III

#### A Philosophia na Escola Normal

Prejuizos da instrucção puramente intellectual. A philosophia de Nietzche e o seculo da electricidade. Condições moraes da cultura intellectual para a formação do character. Como considerar os problemas de technica pedagogica no conjuncto dos problemas scientificos e philosophicos. Sciencia e philosophia. Psychologia experimental e racional. Psychologia e philosophia. O erro dos materialistas pervertendo os programmas educativos. Psychologia sem alma. Confissão de William James. Finalidade educativa da philosophia. A philosophia—sciencia da moda. A philosophia na Escola Normal.

Todo aquelle que aspira pensar bem de accordo com a verdade e sinceramente viver justo, segundo um ideal de conducta, dentro das doutrinas já estabelecidas pelas realidades moraes de eterna razão e equidade, sente, insopitavel, o dever de a si proprio dar conta dos principios em que se inspira, dos processos que applica na lucta pela vida, discutindo-os consigo mesmo, indagando da sua legitimidade, submettendo as faculdades intellectuaes e moraes a uma disciplina rigorosa afim de assegurar-se do seu emprego no serviço da civilização, satisfazendo o objectivo que é hoje preocupação maxima da pedagogia: fazer que a consciencia domine todos os actos. Assim o individuo realmente educado. No meio em que viver é força benefica e motivo de felicidade. Forte, eleva sua consciencia acima do tumulto e da confusão e age sereno, cooperando com todas as forças evolutivas. Sabe que a necessidade de trabalhar para o bem não exprime um conceito puramente imaginativo, mas uma verdade rigorosamente scientifica. Eis a revelação do character.

Entre nós, infelizmente, não se comprehende ainda que a formação do character é tudo para a obra educacional. Não preside, constante e scientificamente, essa preocupação basica o plano de ensino em nossos estabelecimentos educativos. A Escola Normal não se eximiu do erro lamentavel. Os ensinamentos que recebem os jovens futuros educadores não proporcionam a firmeza de convicções, a certeza de principios, os esclarecimentos geraes indispensaveis a uma intuição da vida capazes de determinar uma doutrina de acção definida, capazes de assegurar a serenidade, a utilidade social e moral das accões em individuos que se propõem a organizar mentalmente outros individuos, pois o mestre é o organizador espirital dos educandos. Capacitemo-nos da verdade dessa affirmacão para que possamos corrigir os defeitos e preencher as lacunas que apresentam os programmas do nosso instituto basico de educação po-

pular, onde os estudos se fazem dispersivamente, sem ligação de systema, de maneira cahotica e imprecisa.

na professores na Escola Normal representantes de quasi todas as principaes correntes philosophicas e, só por isso, sem disciplina superior de organização e orientação de conjuncto, sem plano estabelecido na cultura geral, de finalidade pratica e especulativa nos programmas, os ensinamentos são revelados atravez das mais antagonicas escolas philosophicas. Ha lentes positivistas, agnostos, materialistas, pragmatistas, mechanicistas, ecleticos, espiritualistas, catholicos, espiritas — respeitaveis pelo saber e pela seriedade das suas intenções. Mas nem todos se mostram desapaixonados, expondo noções atravez de seus systemas philosophicos num inevitavel combate de idéas, conceitos e convicções, em que as victimas innocentes são os proprios normalistas, cuja intelligencia attonita não sabe que rumo tomar no vasto mar de opiniões contradictorias em que procuram em vão estabilizar-se.

Não ha unidade, nem harmonia, coordenação, nexos, relação logica, vinculo natural entre as materias leccionadas de modo a formar um conjuncto bem determinado, um corpo de doutrina indispensavel á vida, constituindo mentalidades equilibradas, numa visão criteriosa dos aspectos, numa concepção geral da vida e dos phenomenos, elaborando idéas geraes relativamente ao universo e ao destino humano.

E' tempo de meditarmos nestas questões se aspiramos um corpo de educadores equilibrados. De modo preciso: cuidemos da educação philosophica do magisterio.

Illustrando o espirito, os programmas da Escola Normal fazem-no desorientadamente sob o ponto de vista doutrinario. Produzem eruditos mas não creiam cerebros organizados pela ausencia de conhecimento e systema philosophico, sem preocupação de formar character, verdadeira força motriz do homem, a que influe decisivamente sobre toda a sua conducta, constituindo ainda factor fundamental de saude physica.

A psychologia e a pedagogia entre nós relativamente á constituição do character ainda não ensaiaram os primeiros esforços, as primeiras tentativas. Comparemos a raridade dos livros tratando de educação moral com a abundancia dos compendios que se occupam da cultura intellectual e teremos evidenciada a nossa asserção. As tendencias materialistas da época revelam-se pela importancia exagerada que emprestam aos bens materiaes e a pouca attenção que dispensam ás condições espirituales, base de toda actividade, ovidando que o trabalho ma-

terial tem muito mais efficiencia quando orientado pela energia intima, pelo controle mental, pela convicção, só tem utilidade social quando inspirado por uma consciencia moral. "Un siècle peut avoir fait de grands progrès dans la connaissance du vrai et pourtant être resté fort en arrière dans la volonté du bien." São palavras do magico jardineiro da flor humana. Pestalozzi, formulando ha cem annos este pensamento profundo, parece tel-o enunciado para a época actual. Presenciamos progressos surprehendentes nas sciencias e nas industrias, mas ha um aspecto mais importante da evolução humana em que estacionamos ou regredimos: o aspecto moral e, relativamente a esta affirmacão, Förster, o grande pedagogo americano, faz um flagrante suggestivo, impressionador e doloroso: diz que a philosophia de Nietzsche — "Par delà le bien et le mal" — exerceu o seu dominio precisamente no seculo da electricidade.

Não commetto a ridicularia de pretender desmerecer os progressos materiaes do nosso seculo mas é preciso repetir obstinadamente que as conquistas scientificas não são uteis senão applicadas a serviço do bem, maneidas por um espirito incessantemente cuidado pelo aperfeiçoamento do caracter. E' essencial ter com a formação do caracter o mesmo cuidado scientifico que consagramos ao corpo e á intelligencia.

Minha these não é combater a illusão de que a cultura intellectual basta á formação do moral. Os psiquiatras conhecem aos milhares os casos a cuja intelligencia brilhante cultivada, desenvolvida corresponde debilidade moral deploravel, sendo a cultura intellectual um perigo quando não subordinada á cultura da consciencia e ao fortalecimento da vontade. O que pretendo desenvolver, como trabalho original, são as condições moraes da cultura intellectual para a formação do caracter.

E' indispensavel que a moral conquiste a intelligencia. E' preciso fazer penetrar do espirito moral todos os actos humanos, fazer aceitar os direitos que a consciencia tem sobre todas as nossas acções como a mais importante das forças espirituaes. E' preciso justificar a moral perante a razão, obtendo que a lei moral conquiste pela evidencia, pela demonstracão philosophica a razão e todas as forças superiores da alma. Não esqueçamos que o valor da vida tem um expoente exacto de representacão: seu grão de moralidade. Sócrates fazia da moral o objecto supremo de toda a philosophia. Não basta repetir velhos preceitos de moral. Precisamos que na obediencia ás suas leis o educando veja o fim necessario de seus esforços, objecto de felicidade e não meio austero e intolerante de repressão no interesse da sociedade.

Demonstrar verdades moraes é mais difficil que demonstrar verdades mathematicas. E para orientar a conducta ha-

mana de accôrdo com as revelações da moral, temos que nos reportar aos principios immutaveis, ás verdades universalmente consagradas, ás convicções basicas do espirito humano, o que exige um estudo psicologico muito outro, com orientacão muito diversa do que ha nas escolas normaes e superiores e de uma pedagogia moral profunda, inseparavelmente ligada á philosophia. Não podemos considerar os problemas de technica pedagogica, como é costume, problemas isolados no conjunto dos outros problemas scientificos, mas devemos relacionar-os estreitamente com todas as questões fundamentais da vida humana.

A educação do homem se baseia na conquista de ideaes, o que decorre do conhecimento de principios fundamentaes das sciencias e da conducta humana, que não mudam com o tempo, que não soffrem a influencia da época, que antes são condição de todo o progresso, verdades primordiales, inalteraveis, irreductiveis, eternas, convicções permanentes que imprimem direcção á evolução humana e cujo conhecimento só é dado pela philosophia.

#### *Sciencia e philosophia. Psychologia experimental e racional. Psychologia e philosophia*

Todos os grandes educadores são unanimes em proclamar que um ideal de vida definido é a base primordial do trabalho educativo. E' o que nos tem faltado: um ideal educativo preciso, completo, que attenda a todas as exigencias da vida, a todas as aspirações da alma, finalidade moral na cultura geral. Esse ideal de vida bem definido não nol-o dão as sciencias isoladamente. Apresentando os ensinamentos scientificos lacunas incontestaveis, insufficiencia desanimadora, não tentemos suffocar o innato desejo de conhecer, de inquirir, de interpretar, resignando-nos ás incompletas respostas das sciencias particulares, ou negando ao espirito poder de indagação, e considerando insolúveis e despreziveis os problemas ontologicos como pretende fazer o positivismo, que estreita os horizontes humanos a ponto de restringir o mundo sensível ao nosso systema planetario, infima parcella do todo universal.

As sciencias positivas necessitam ser continuadas pelas especulações philosophicas.

Não pretendo que o homem seja omnisciente. Os limites contrapostos ao seu esforço no tempo e no espaço prejudicam seus esforços. Mas sustento que muito objecto da curiosidade espiritual as especulações philosophicas resolvem de um modo tranquillizador e não devemos vedar ao espirito dos educandos essas elucubrações justificaveis do pensamento. Dizer, como em geral, que a philosophia é apenas a metaphysica, no sentido desvirtuado que lhe dá a ignorancia, não re-

recendo o nosso estudo, é monstruosidade que tem afastado do caminho da verdadeira cultura muitos adolescentes estudiosos, impedindo o horizonte philosophico a espiritos doptados de verdadeiro criterio de investigacão. Toda a cultura no sentido exacto da palavra revela-se em philosophia e moral. A metaphysica não deve ser encarada como uma "aberracão desenfreada do raciocinio", mas no pensar de Kant como "tendencia natural do espirito humano".

A philosophia não se separa da sciencia como synthese geral de todos os conhecimentos, ensaiando determinar a finalidade da vida, nosso lugar, nosso destino na natureza, elaborando idéas geraes sobre o conjunto das cousas. Philosophia é a sciencia que prepara e formula a intuição geral do mundo e da humanidade (Littré).

Ha problemas que não pertencem a nenhuma sciencia, são do dominio da philosophia.

Para viver temos que agir, e para agir necessitamos de convicções. A maior parte das sciencias não nos elucidam relativamente á nossa conducta moral. E' á philosophia que obrigatoriamente temos que recorrer, como complemento necessario dos ensinamentos scientificos, a qual nos pôde crear convicções, formulando regras de acção para o individuo e para a sociedade. Exemplificando: a politica, fundando instituições destinadas a imprimir á actividade dos povos a mais conveniente direcção ou regulando direitos e obrigações dos cidadãos para com o estado, sendo a arte de governar, suppõe imprescindivelmente principios unicos, essenciaes, capazes de infundir ás instituições, á conducta de cada um e ao conjunto social harmonia e conformidade, pois, do contrario, a fraude, a violencia, a paixão firmariam fatalmente desgraçado e atroz imperio, o capricho e a arbitrariedade decidiriam da sorte do povo. Esses principios primordiales dá-nos a philosophia — "sciencia das supremas razões". (Rosmini).

A sciencia, revelando leis, permittindo prever, offerece-nos possibilidade para dirigir nossa conducta sob o ponto de vista das nossas necessidades materiaes, relativamente aos proveitos materiaes, provendo as exigencias concretas da existencia. Mas as injunções moraes, as indagações naturaes da alma humana tormentada pela duvida relativamente ao seu destino e á sua conducta a sciencia se mostra incapaz, incompleta, grosseira, indifferente. Se a sciencia é util, de uma utilidade pratica, se satisfaz ás imposições concretas, nem sempre responde ao apello das aspirações mais elevadas do espirito, que só as especulações philosophicas attendem.

Estudando, em rapido esboço, os objectivos do conhecimento humano e as sciencias correspondentes, provaremos a verdade expressa.

Segundo Ampère (\*) reconhecemos dous objectos distinctos do conhecimento: as cousas physicas e as cousas moraes, a materia e o espirito. Todas as sciencias podem assim ser classificadas em dous grandes grupos: as sciencias cosmologicas ou sciencias da materia e as sciencias nologicas ou sciencias moraes. As sciencias cosmologicas se subdividem ainda em sciencias do abstracto (arithmetica, geometria, algebra); sciencias do concreto (physica, chimica, geologia, mineralogia, sciencias biologicas) e sciencias mixtas (mecanica e astronomia, que exigem observação e calculo). As sciencias nologicas abrangem a philologia, as sciencias sociaes e politicas, as sciencias historicas.

Podemos limitar a curiosidade do espirito ás soluções que nos dão as diferentes sciencias particulares enumeradas? Que objectivos do conhecimento humano restam inexplorados pelas diversas sciencias constituídas? Meditemos que — causa, motivo, principio dos phenomenos nologicos, em toda a sua vasta variedade, da politica, do direito, da religião, da philologia são os factos intimos do espirito, que, por invisiveis, não são menos reaes: idéas, sentimentos, actos voluntarios que constituem o objecto das sciencias psychologicas: a logica, que estabelece regras á intelligencia na conquista da verdade; a moral, que determina leis á vontade e á sensibilidade para a conquista do bem e da ventura e a psychologia — "sciencia da alma." (\*) A psychologia verifica os factos espirituaes; a logica e a moral são sciencias directrices, estabelecem leis á nossa actividade, deduzindo regras de pensamento e de procedimento que não é licito infringir sem más consequências e cuja exacta observancia é a mais firme garantia do successo de nossos esforços para a conquista do bem estar material e moral.

Ainda o nosso espirito não se cansa de interrogar: — que é a materia? — que é a alma? — qual a causa primeira das cousas? Estas tres perguntas complexas, profundas, são principalmente o objecto de uma nova sciencia: a philosophia primaria, metaphysica ou ontologia. A metaphysica se divide em tres partes:

1° — metaphysica da natureza ou cosmologia racional (que é a materia, o movimento, a vida, a força, o esforço, o tempo?)

2° — metaphysica do espirito ou psychologia racional, psychologia pura, em opposição á psychologia empirica que não se occupa senão do exame dos factos espirituaes e que chamamos psychologia experimental ou philosophia prope-

(\*) A classificacão de Ampère é excellente em suas divisões geraes, parecendo arbitraria apenas nos detalhes, distinguindo 128 sciencias. Rabier, "Leçons de Philosophie".

(\*) De "psyche", alma.

3º — metaphysica do absoluto ou theologia racional (ha uma causa primitiva? Qual é? Quaes suas relações com o mundo?)

As relações da psychologia com a philosophia evidenciam-se:

1º — A psychologia experimental é necessaria para a metaphysica do espirito, por que — como pretender conhecer a natureza intima da alma sem estudar primeiro os phenomenos e os caracteres visiveis pelos quaes esta natureza intima se manifesta? As tres provas classicas mais celebres da espiritalidade da alma concluem-se da *unidade, identidade e liberdade* do ser pensante; ora, é na psychologia experimental que são constatadas essa *unidade, essa identidade, essa liberdade*.

2º — A psychologia é indispensavel para a metaphysica da natureza por basear-se ella em um certo numero de conclusões que têm fundamento psychologico e cuja analyse e discussão pertencem á psychologia.

3º — Emfim, a psychologia é imprescindivel para a metaphysica do absoluto: "C'est la connaissance de nous-mêmes qui doit nous élever à la connaissance de Dieu" (Bossuet). Distinguimos duas partes principaes na Theodicéa: a primeira trata da existencia de Deus; a segunda de sua natureza e seus attributos. A existencia de Deus se estabelece ordinariamente por tres categorias de provas: physicas, metaphysicas e moraes. Ora, dessas tres categorias de provas as metaphysicas e moraes têm seu ponto de partida em idéas, em sentimentos de que se tem provado a existencia e analysado em psychologia (provas pela idéa do infinito, pelas verdades eternas, pela idéa do dever, etc.) (\*) Não é possível, portanto, separar a psychologia da philosophia em quaesquer das suas especulações.

Não ha um só problema psychologico que não redunde em problema philosophico, como não ha um só problema philosophico em que não esteja implicado um problema de psychologia. Concluímos assim que psychologia constitue a parte principal da philosophia — é a philosophia mesma. Os estudos philosophicos comecam pela psychologia, continuam pela esthetica, pela logica e pela moral que são apenas prolongamentos da psychologia com relação ao sentimento e á conquista do bello, á intelligencia e á posse da verdade, á vontade e á conquista do bem, para chegar com a metaphysica a uma conclusão geral sobre a natureza, o homem e seu destino. (A. Rey — Psychologie).

Do exposto concluímos o dominio immenso da philosophia, empolgando o espirito humano com as cogitações transcendentales em que se aprofunda, pois a ambição do infinito e do absoluto é apanagio dos cerebros completos e bem formados,

e aspiração logica da razão, é o surto natural para o ideal que caracteriza as mentalidades illuminadas. E' nesse sentido que affirmava Pasteur ter o homem o culto do infinito".

Resultam tambem do estudo feito os diversos modos de encarar a psychologia em seus varios objectivos, dividindo-se em:

1º Psychologia empirica, experimental ou propedeutica philosophica, que expõe quanto se conhece objectivamente da alma: faculdades, operações e productos; observa, descreve, classifica os factos psychologicos, estuda a realidade concreta do phenomeno psychico, podendo ser chamada psychologia objectiva. Neste ponto de vista a psychologia se destaca da philosophia, tentando constituir-se em sciencia experimental independente pelos trabalhos de Stuart Mil, Spencer, Bain, Bailey Lewesward na Inglaterra; Wundt na Allemanha; Taine e Ribot na França; William James na America.

A psychologia experimental analisa o que se passa na consciencia para descrever; experimenta factos, procura medil-os, estabelecer relações entre elles, apoia-se em acontecimentos tangiveis, susceptiveis de serem verificados por todos os observadores, considerado o phenomeno psychologico como realidade concreta com suas concomitancias physiologicas no systema nervoso, estuda os factos visiveis da alma.

2º — Psychologia racional que expõem as conclusões relativas á existencia e natureza da alma, seu destino, illações, fundadas menos na experiencia do que no raciocinio, na meditação philosophica; estuda os phenomenos internos da alma, os factos intimos da consciencia, as relações entre a alma e o corpo, entre a vida moral e o mundo exterior. E' a parte especulativa da psychologia.

Differem pois uma da outra no objecto e no meio cognitivo.

A psychologia empirica é a introdução para toda a philosophia, pois analisa e estuda as diversas forças do ser; é a propedeutica philosophica; é a parte descriptiva da psychologia. A psychologia racional, das descripções feitas pela psychologia experimental, segue methodo ideologico e dialectico e, por construcção do raciocinio, pela reflexão, por abstracções, por theorias se propõe a explicar a natureza do eu, a alma, seu destino, sua immortalidade, sua responsabilidade, etc.

Ha, portanto, uma relação intima entre a psychologia e a philosophia. Eis a palavra de Bergson: "A philosophia é a reflexão sobre tudo que sabemos para agir o melhor possível. Ora, só a sciencia do espirito, a psychologia, nos pôde informar acerca daquillo que ao espirito é dado conhecer". O estudo do espirito, o estudo da psychologia não pôde portanto deixar de ser feito de uma maneira philosophica.

(Continúa)

Alba Cañizares Nascimento.

(\*) Rabier — Leçons de Philosophie.

## II — A ESCOLA

### UM PROGRAMMA DE PORTUGUÊS

(VEJA OS NUMEROS DE ABRIL E MAIO)

III

Querida amiga

O prometido é devido. Já tive enesejo de explicar os motivos da importancia attribuida á leitura em nosso programma. Vamos agora justificar o nosso ponto de vista quanto á redacção, de accordo com a finalidade do curso, exposta logo nas primeiras linhas: «aprender a redigir correctamente e a entender perfectamente aquillo que se lê»; ou por outros termos—*saber ler e escrever.*»

Multiplos são os problemas que se deparam ao tratar da redacção: *escolha do assumpto; gradação dos generos; processo de correcção; desenvolvimento das faculdades reveladas pelo alumno; direcção criteriosa que se deve imprimir ao curso afim de habilitar o alumno a proseguir sozinho, após os exames, no cultivo das proprias qualidades.*

Antes de qualquer outra cousa, a *escolha do assumpto.* Cumpre que os temas interessem de veras o alumno, e por isso devem ser *próximos* no tempo e no espaço, a principio, e só mais tarde relativos a seres distantes ou remotos, não directamente observados. E' de todo condemnavel habituar o alumno a dissertar sobre o que não viu, nem conhece bem, ou só conhece através da observação indirecta, e já portanto muito enfraquecida, de outrem, num trecho lido. A's vezes a reproducção animada de uma scena, em projecção cinematographica, poderá até certo ponto substituir a observação directa, quando esta é difficil ou impossivel.

Os assumptos devem ser de preferencia *pessoaes e concretos*, a principio, e só mais tarde *geraes e abstractos*. Devem todos ser, implicita ou explicitamente, de alcance *social e moral*.

E' censuravel a preocupação de *impor* ao alumno tal ou tal estilo, esta ou aquella maneira de encarar os assumptos. A professora *suggere, estimula,*

*corrige, anima, indica o bom caminho,* mas não se deve substituir ao proprio alumno. Este é uma individualidade ainda em formação, mas por isso mesmo digna de respeito.

Aqui se poderia applicar, em sentido differente, o verso famoso:

*Maxima debetur puero reverentia*

Infiltrem-se no alumno idéas superiores, que exijam no desenvolvimento a sua collaboração pessoal. Respeitem-se comtudo as características de seu modo de exprimir as ideas, desde que não haja propriamente *erro*. Oh! a abominavel mania de reduzir todos os estilos a um denominador commum! Dahi os horrendos *modelos* de redacção, paradigmas do mau gosto e da phrase *assucarada* ou *oleaginosa*.

Ensine-se, principalmente, através da redacção, e na medida da capacidade do alumno, ensine-se a *pensar bem*, na ordem *intellectual, social e moral*. Para isso é primeira condição saber *observar, reflectir*, e, emfim, *exprimir* o que se pensou.

Quantas ideas fecundas podem e devem ser lançadas na alma da criança, não só pela leitura, mas ainda, e com mais fructo, por meio da redacção! E digo com mais fructo, porque o que se lê não se grava tanto em nossa memoria quanto o que se escreveu, e—melhor ainda—se compôs, e é por assim dizer essencia do nosso proprio pensamento.

Em torno de uma idea central bem escolhida, quanta coisa possivel interessante, em cartas, dialogos, historietas, fabelas, descripções etc.! A economia, a justiça, a caridade, a interdependencia das classes, a solidariedade humana no tempo e no espaço a dignidade do operario, o ridiculo da vaidade, os prazeres da sciencia, . . . que manancial inexhaurivel quando o sabemos valorizar!

Eis porque o programma não se esqueceu de variar e graduar os as-

sumptos de redacção e até (coisa que raro se faz mesmo em cursos normaes ou secundarios) incluye resumos criticos, noticias bibliographicas de trabalhos factos lidos pela alumna em livro ou revista.

E' o melhor meio de obrigar a reflectir no que se leu. E' o remedio para os males da leitura apressada, superficial e inutil, quando não prejudicial.

Depois de themas *correctos*, podem e devem vir os abstractos, mas somente quando o permite a capacidade das alumnas. O contrario é gravissimo erro psychologico.

Si a alumna demonstra ter imaginacão, cumpre cultivar esse dom e dar-lhe ensejo de compôr exercicios de sua livre invenção. E' um *peccado* pedagogico, é um *delicto* na ordem do ensino suffocar uma vocação. Sê-lo-ia, tambem, animar os que se revelam absolutamente incapazes. Ainda aqui, *chacun son métier...*

Até a proxima vez. Com um abraço da amiga e collega.

X

Attesto que a copia reproduz fielmente o original.

Jonathas Serrano

## OS PROGRAMMAS MINEIROS

### Instrucções — PARA SEREM OBSERVADAS NOS PROGRAMMAS DOS GRUPOS E DEMAIS ESCOLAS

(Continuação)

#### ARITHMETICA

O estudo da arithmetica, como o de qualquer sciencia, exige o exercicio das faculdades superiores da intelligencia, o juizo e o raciocinio. Deve ser, portanto, intuitivo, raciocinado, pratico, methodico e graduado, e exposto com clareza. Seu fim utilitario é pôr o alumno em estado de poder effectuar, por si mesmo, mentalmente e por escripto, com promptidão e segurança, todos os problemas que lhe apparecerem na vida pratica. Para seu desenvolvimento satisfactorio, é necessario constituir-se o mestre em guia cauteloso, promovendo meios que despertem a actividade do alumno, sem fatigal-o.

I. Evitará, assim, o apparecimento de aversão pelo estudo dos numeros.

II. Deve merecer especial attenção, no ensino desta materia, o emprego constante de problemas, quer com exercicios de calculo mental, bem variados e desenvolvidos, em torno de dados estatisticos sobre assumptos allusivos ao progresso agricola, commercial, industrial do paiz, do Estado, do municipio e do districto, onde estiver o estabelecimento,

quer como exercicios escriptos de caracter pratico.

III. Todos os problemas, dados como exercicios, devem referir-se a assumptos da vida pratica, evitando-se questões meramente theoricas e inutilmente complicadas.

Deve-se habituar o alumno a analysar os elementos do problema, antes de resolvel-o, e a dispor methodicamente os calculos.

IV. Não se deve passar ás operações seguintes, emquanto a anterior não estiver completamente aprendida.

V. As difficuldades devem ser graduadas, de modo racional, em exercicios mais numerosos que extensos, allusivos a operações conhecidas, de fórma a chegar o alumno ao fim do curso com conhecimentos mais ou menos completos sobre os pontos aprendidos, a fim de applical-os sem hesitação, mais tarde.

VI. E' muito util acostumar o alumno a fazer calculos mentaes, pelo menos quanto ás operações elementares, visto como nem sempre se têm á mão, num momento dado, os meios de escrever os calculos.

VII. Nas observações feitas por escripto ou mentalmente, deve o professor ensinar ao alumno a desprezar os zeros que estiverem á direita dos numeros, levando-os depois em conta no resultado, convenientemente.

VIII. Deve ser preocupação constante de quem lecciona arithmetica a

crianças tornar agradavel e attrahente o ensino. Nesse ponto de vista, é indispensavel que sejam organizados os exercicios, quer oraes, quer escriptos, com dados interessantes e simples, abrangendo cousas que cerquem o menino, não só no lar, como na escola e no meio social que frequenta.

IX. Os exercicios com pesos, medidas e moedas, recommendados para o primeiro anno, consistem apenas em pesar e medir pequenas quantidades de objectos communs, figurando os alumnos, entre si, transacções commerciaes de compra e venda, para o conhecimento dos valores das moedas nacionaes. Servem taes exercicios para familiarizar as crianças, desde logo, mas de modo pratico, com o systema metrico decimal.

X. Quanto á conta de juros, muito empregada por todos, não se limite o professor a ensinal-apor meios abstractos. Escreva, no quadro negro, uma clareza e passe recibos, figurando casos, para que o alumno aprenda a fazer a contagem do tempo e a dispor o calculo.

XI. Si o ensino de arithmetica fôr realizado com muitos e variados exercicios praticos, pequenos e bem methodizados, apresentará, forçosamente, fructos apreciaveis. A sua eficiencia depende da orientação intelligente que lhe imprimir o professor, a qual consistirá na concretização constante das noções a transmittir.

#### GEOGRAPHIA

A geographia occupa lugar de destaque, no quadro das disciplinas dos programmas escolares. E' mesmo uma das mais importantes, sendo, no emtanto, uma das menos consideradas.

O seu objectivo é muito complexo: I. Fornece ao homem as mais variadas e uteis informações, indispensaveis em todos os momentos de sua existencia.

II. E' alliada natural de todas as outras materias, sciencias e artes, particularmente da historia, ás quaes ministra o mais valioso subsidio.

III. Prepara o homem para adaptar e utilizar o meio physico e social em que tem de viver, informando-o das suas possibilidades, e preparando-o para a vida de relação com os demais habitantes da

terra, em que elle poderá ser o constitutor da sua propria felicidade.

IV. A agricultura, a industria e o commercio encontram, nos conhecimentos geographicos, um grande auxiliar.

V. O estudo da geographia conta, ainda, um grande merito: prepara o homem para o cumprimento dos deveres civicos, na defesa da integridade do solo patrio.

VI. Basta o que fica dito, para se avaliar quanto cuidado exige do educador o estudo da especialidade em questão.

VII. Evitem-se as decorações systematicas. O ensino sómente prenderá a attenção do alumno, se fôr intuitivo e pratico.

VIII. Os exercicios de cartographia, feitos pelos alumnos, no taboleiro de areia, no quadro negro e em papel, constituem excellente meio de adquirir e fixar os conhecimentos geographicos.

IX. As lições, sempre que possivel, serão feitas, em tom de conveasa, de modo a interessarem os alumnos, que se devem transformar em colaboradores activos da propria educação.

X. O professor, para isso conseguir, empregará os materiaes didacticos correspondentes: mappas, illustrações ou gravuras, photographias, esboços no quadro negro, feitos pelos meninos, devidamente guiados, o taboleiro de areia, os films cinematographicos e as excursões, das quaes o professor organizará um programma adaptado á séde escolar e aos annos do curso primario.

#### HISTORIA DO BRASIL

A noção da Historia não deve ser inculcada no alumno por meio de uma definição, de que só mais tarde, pelo conhecimento dos factos, venha elle a adquirir comprehensão completa, mas, ao contrario, partindo dos factos mais simples, cuja noticia e idéa o alumno já possui ou póde facilmente receber.

Será facil ao professor mostrar ao alumno, que já possui este a sua propria historia individual; mostrar-lhe que nasceu, atravessou um periodo de que não póde lembrar-se; viveu bastante tempo em casa de seus paes, em folgedos, passeios etc.; passou a frequentar a escola, modificando o seu modo de vida

aprendendo muitas cousas uteis e fazendo o seu 1º. anno. Será fácil e util falar mesmo ao alumno na sua historia futura — conclusão de estudos primarios, inicio talvez de estudos secundarios e superiores, entrada em uma profissão util e nobre, qualquer que ella seja etc. etc.

Da historia individual do alumno, é facil passar á da sua familia; e, nesse ponto, embora sem a citação de factos concretos e sem apreciações, é facil mostrar-lhe que a sua familia tem uma historia, que os seus paes prendem-se aos seus avós e assim por diante, podendo ter havido, nessa longa serie de antepassados, homens de grande merecimento, que muito hajam feito pela sua terra.

E' facil ainda falar na historia de outras familias da localidade, sempre com o maximo criterio e respeito.

Deve, então, o professor passar a outra tarefa, esboçando deante do alumno a historia da localidade. Por mais insignificante que seja esta, terá um passado que o professor deve conhecer e ensinar aos alumnos. Será uma cidade, que nem sempre o foi; uma séde de municipio, uma séde de districto, uma parochia etc., como antes não o era.

E nessa ordem de idéas, a proposito de estradas de ferro, telegraphos, telephones, iluminação electrica, jornaes, livros, construcções etc., encontrará o professor material abundante para uma lição de cousas, no terreno historico.

Da historia da localidade póde, então, o professor passar á do municipio, fazendo-a nos mesmos termos que precedentemente.

Adquiridos esses conhecimentos, está o alumno apto, sem grande esforço, a acompanhar e aprender a historia em um quadro mais amplo.

Deve, então, o professor ministrar ao alumno uma noção do governo actual e mostrar que a fórma republicana não existiu sempre no Brasil, tendo surgido em época relativamente recente, em 1889, em dia notavel, 15 de Novembro, que a Patria commemora.

Deve explicar que, anteriormente a essa deta, outra fórma de governo, a Monarchia, dirigiu os nossos destinos, desde 1822, em que começámos a viver, como povo livre e soberano; e que, antes de 1822, estivemos sujeitos a Portugal, de

que era o Brasil colonia. E, a proposito, podem explicar-se as noções de *colonia*, *imperio e republica*.

Póde agora o professor passar á historia do descobrimento do Brasil e á historia de Minas, como no programma se contém.

Embora evitando sempre as minucias e as explicações complicadas, deve o professor ligar os acontecimentos, quanto ás suas relações, e indicar as suas consequencias até os nossos dias.

A parte anecdotica da historia é muito util para attrahir e estimular a attenção das creanças, convindo, entretanto, grande cuidado, nesse assumpto, para não lhes falsear o espirito, pela mentira e o exaggero.

Deve mostrar o professor que esses homens do passado não eram differentes de nós; não possuem as mesmas facilidades para o estudo, para as viagens etc.; tinham, porém, o mesmo fundo commum de amor ao progresso, de sentimentos religiosos, de aspirações nobres e de paixões, que constituem o patrimonio fundamental da especie humana.

O emprego de gravuras e quadros historicos, onde venham representadas scenas historicas importantes, personagens notaveis, e figurados os usos, costumes, habitações, vestidos etc., será de grande utilidade.

#### GEOMETRIA E DESENHO

A Geometria deve ser ensinada de modo intuitivo, quasi exclusivamente, utilizando-se os objectos da classe, do predio e do pateo, para estudos das linhas, dos angulos, das extensões lineares, quadradas, cubicas etc.

I. A geometria usual constitue uma das applicações mais uteis do ensino de arithmetica, devendo guardar com elle perfeita harmonia. Sempre que possivel, como ficou dito, deverá o professor levar os alumnos a um jardim, a um campo etc., para fazel-os operar sobre o terreno, e medir superficies regulares e irregulares.

II. E' preferivel fazer as definições na medida que forem sendo necessarias, a accumulal-as no inicio, antes de ter o alumno adquirido noção da materia. Além disso, devem as questões ser allusivas a

cousas de interesse na vida real, e de forma a relacionar os conhecimentos adquiridos nesta materia com os obtidos em outras.

III. As linhas e figuras geometricas podem ser representadas tambem em arame, fibras e papel, bem como os solidos, por trabalhos de cartonagem.

IV. O desenho, além de satisfazer a uma necessidade innata no menino, auxilia o ensino de calligraphia, facilitando o traçado das letras, bem assim o de geographia, na parte referente á leitura das cartas geographicas. O professor intelligente poderá, em mil circumstancias, dar ao alumno, num rapido esboço, uma idéa

exacta de objectos que não seriam bem conhecidos, por meio de descripções verbaes. O desenho é uma linguagem de utilidade geral e de absoluta necessidade, em certas profissões. Além de despertar o gosto do bello, contribue poderosamente para o progresso das artes e das letras. Mas, para produzir o desejado effeito, o ensino deve ser racional, exercitando, ao mesmo tempo, a vista, a mão, a intelligencia, a imaginação, o gosto e o senso moral.

V. O desenho geometrico será baseado em cousas concretas, por meio de medições e construções, habilitando os alumnos a descobrir nos objectos da classe as fórmas estudadas.

### NOÇÃO DAS PRINCIPAES UNIDADES DO SYSTEMA METRICO DECIMAL

#### 4º ANNO

Para bem calcularmos o valor das cousas temos necessidade de medil-as. O valor depende da quantidade: maior quantidade, maior valor. Como, porém, calcular se a quantidade é grande ou pequena? Medindo-a, comparando-a com um corpo de determinado tamanho, corpo esse a que se dá o nome de unidade.

Ha unidades proprias para avaliarmos a quantidade de todas as cousas. Vejamos a principal. Eil-a. Não precisaria sequer dizer-lhe o nome; todos vocês a conhecem e teem, muitos, lidado com ella: o metro linear.

Em qualquer lugar que o encontrarmos, o metro tem de ser rigorosamente do mesmo tamanho. Já vocês estudaram as linhas do Globo. Conhecem, porque viram, porque traçaram, os meridianos, esses circulos maximos que imaginamos cortar a Terra ao meio, passando pelos polos. Tomemos um meridiano: o nosso, o que passa pelo Observatorio da nossa bellissima capital. Dividamol-o em 4 partes; consideremos a que mais nos diz respeito: a que vae do equador ao polo sul, passando pelo Rio de Janeiro. Pois bem, foi um pedaço identico a esse que uma commissão de mathematicos nomeados pelo governo

francez para modificar o systema de medir que então se usava, calculou e dividiu em dez milhões de partes iguaes, obtendo assim uma extensão tomada para servir de unidade para o comprimento das cousas.

Dizer, pois, que possuo 1 metro de renda é o mesmo que dizer: possuo um pedaço de renda igual á decima millionesima parte de um quarto do meridiano terrestre.

O metro é largamente usado nos armarinhos.

Ora, quando compramos uma renda importa-nos o seu comprimento; do mesmo modo quando compramos linhas para os nossos bordados, barbante para amarrar embrulhos, arame para cercas, etc. Se, entretanto, desejarmos saber o tamanho de uma sala, de uma casa, de uma parede, não poderemos levar em conta só o comprimento, pois, nesse caso, um corredor de 20 m. de comprimento teria o mesmo valor de uma ampla residencia do mesmo comprimento mas de largura avantajada. São corpos de duas dimensões; teem comprimento, do mesmo modo que a linha, o barbante, a renda, o arame, etc., e teem, tambem, a influir no seu tamanho e, consequente-



mente, no seu valor, uma outra dimensão que se chama largura ou altura.

A duas dimensões, em conjuncto, chamamos área ou superficie. A sala, a casa, a parede, o quadro negro tem superficie.

Para medir as superficies possuímos uma unidade: o metro quadrado ( $m^2$  ou  $m^q$ ). Mede corpos que tem dimensões em dois sentidos como o quadrado. É mesmo um quadrado com um metro de lado.

(Não é opportuno declarar que o  $m^2$  é imaginario: produziria confusão).

Vamos agora medir uma caixa d'agua, um tanque, um poço. Achamos nesses corpos o comprimento e a largura mas, além dessas duas dimensões, o tamanho da caixa ou do tanque depende da altura dos mesmos, assim como o do poço depende da sua profundidade. Ao conjuncto dessas tres dimensões chamamos volume. A caixa, o tanque, o poço tem volume.

Ha, para medir o volume, outra unidade: o metro cubico ( $m^3$  ou  $mc.$ ). Avalia as tres dimensões a um só tempo.

O metro cubico tem, como o indica o nome, a forma de um cubo; a aresta mede 1m.

Imaginemo-nos agora no laboratorio de uma pharmacia. Estamos assistindo ao preparo de qualquer medicamento. Vemos o pharmaceutico avaliar cautelosamente a quantidade das substancias de que se vae utilizar para a confecção do mesmo. Como vocês sabem, algumas das substancias empregadas para beneficiar os nossos orgãos, em doses maiores produzem a morte, pois são venenos como o mercurio, o arsenico, a strychnina, etc.

É, pois, preciso que, ao servir-se dellas, o pharmaceutico calcule muito bem a quantidade. Tem de medir. Serve-se de qualquer das unidades de que lhes falei? Não. Usa um aparelho que todos vocês conhecem: a balança.

Num dos pratos colloca pequeninos corpos mais ou menos pesados e no outro, até que a balança se equilibre, vae collocando as drogas de que precisa.

Esse pequenino peso de que se serve para termo de comparação é o

gramma. O gramma é, pois, unidade de peso.

É usado nas pharmacias, nas ourivesarias e ainda nas confeitarias, nos açougues, nos armazens, etc.

(Trabalhem, ou por outra, façamos os nossos alumnos trabalharem com a balança, pesando substancias leves, para usarmos exclusivamente pesos pequenos. Não é occasião de falar em multiplos, ainda.)

Falta-me citar uma outra medida, uma outra unidade, aquella de que nos servimos para avaliar a porção de leite que compramos. Todos vocês a conhecem porque todos, em geral, lidam com ella: o litro.

O litro mede a quantidade dos liquidos. É unidade de capacidade. Conhecem-no em forma de garrafa. Eil-o, porém, no seu verdadeiro formato.

Com elle medimos a porção de leite que compramos; a quantidade de vinho ou de alcool contida num barril; a agua que o reservatorio de nossa casa comporta, etc.

São, assim, 5 as principaes unidades de que nos servimos para avaliar o tamanho dos corpos: o metro linear, o metro quadrado, o metro cubico, o gramma e o litro.

Creio indispensavel um quadro synoptico. Não nos devemos esquecer nunca de que, cousas que para nós não tem, hoje, a minima difficuldade, já o tiveram — quando as ouvimos pela primeira vez. Outra cousa que devemos ter sempre em memoria é que, se alguns creanças, mais intelligentes e provindas de um meio melhor, conhecem já os nomes e applicações dessas medidas, outras, menos favorecidas pela sorte, não tem quem lhes chame a attenção para as cousas mais communs da vida.

O verdadeiro credo do professor deve ser:

«Não me deixarei levar pelo máo humor quando algum alumno declarar não haver comprehendido a minha explicação: talvez o defeito seja meu.

Não me cansarei nunca de repetir.»

SEBASTIANA FIGUEIREDO.

### TRES PALAVRINHAS

**Climaterico**—Alguns autores timbram em chamar erroneo ao emprego de *climaterico* no sentido de *climatico* ou *climatologico*. Querem que *climaterio*, ou melhor *climacterico* seja apenas, como está no C. de Figueiredo ou no Ramiz Galvão, «relativo a qualquer das épocas da vida, consideradas antigamente como criticas». Quaes sejam essas épocas de crise, explica-o o Moraes: «*Anno climaterico*, aquelle de que se crê que corre nelle perigo a vida; e dizem ser de sete em sete, de nove em nove, e que o mais perigoso é o de 63, porque nelle se contem o numero 7 multiplicado pelo 9.»

Ramiz Galvão chama até a attenção: «Como daqui facilmente se deduz, é erroneo o emprego do adj. *climaterico* por *climatico*».

Não têm faltado por isso sabedores de nuguinhas, que protestem contra as expressões «dados climatericos», «factos climatericos», «condições climatericas» etc., que frequentemente se encontram em escriptos geographicos ou meteorologicos.

Creio que é preciso pingar os pontos nos *i i*. Em primeiro lugar, distinguimos: ha *climacterico* e ha *climaterico*. O primeiro, que é o registado sem *c* por Moraes, mas com essa letra muda, em todos os outros vocabularios, é o que tem aquelle sentido de *critico* ou *nefasto*, a que se referem Ramiz, Figueiredo, Aulete, Adolpho Coelho e com maior minucia de explicação o Moraes. O outro só é registado, pelo que pude verificar, em Aulete, como vocabulo distincto do anterior: «*climaterico*, adj. climatologico.»

Em que devemos fiar: aceitaríamos ou repudiaremos o segundo *climaterico*? Creio que a melhor politica na didactica da linguagem é admittil-o como legitimo. Não sejamos mais exigentes para a nossa lingua do que para o francez todos os bons dictionaristas. Vejamos, para exemplo, o dictionario de HATZFELD, DARMSIETER e THOMAS, um dos bons monumentos da philologia franceza. Ahi descobrimos, bem claro, que em francez é sempre *climatérique*, mas que ha dois: 1.º *climatérique*, por *climactérique*, do lat. *climactericus*, grego *klimakterikós*; 2.º *Climaterique*,

derivado de *climat*, sob a influencia do 1.º *climatérique*, e considerado neologismo.

Pois não está ahi o conselho mais prudente? Devemos acceitar o *climaterico* no sentido de *climatico* ou *climatologico*. É neologismo, derivado de *clima*, sob a influencia de *climacterico*, ou talvez ainda mais sob a influencia do francez *climatérique*, que está nos dictionarios por ser da linguagem corrente das pessoas cultas. Nem sempre ha que arrenegar de neologismos ou de francezismos: deixemos que entre o *climaterico* e vá tomar logar ao lado dos irmãos mais velhos, o *climatico* e o *climatologico*.

Quem me parece que está bem morto é o *climacterico* tão miudamente explicado por Moraes.

**Cardinalado**. — Deve ser *cardinalado* ou *cardinalato*? Isto me pergunta uma antiga discipula, que ainda se lembra de seu professor de primeiras letras, hoje fatigado de velhice e incapaz de estudar as novidades, augmentando o pouco que sabia.

Emquanto outros lhe poderiam responder com elevada dissertação, ch'ia de autoridade e de autoridades, abro eu o unico livro de que hoje posso dispôr, a grande encyclopedia do Bom Senso, e digo-lhe:

O nosso suffixo é, em geral, *ado*, mas em algumas palavras concorrem tambem as formas alatinadas em *ato*. Dizemos *papado*, *pontificado*, *priorado*, *bispado*, *arcebispado*, *almirantado*, *apostolado*, *aprendizado*, *reinado*, *reitorado*, *eleitorado*, *patriachado*, etc. Mas já em *doutorado* e *doutorado*, *bacharelato* e *bacharelado*, *generalato*, *generalado*, *cardinalato* e *cardinalado*, e algumas outras palavras, ha hesitação.

Creio que seria acertado uniformizar, neste caso, essas terminações, uma vez que uma representa o termo a que chegará, com o tempo, a outra, e dizer sempre *cardinalado*, *generalado*, *triumvirado*, *canonicado*, etc.

**Chim, china, chino, chinez** — Aos naturaes do ex-Celeste Imperio, ultimamente tão devorado de guerras e revoltas, acha Francisco José Freire o afamado autor das *Reflexões sobre a Lingua Portugueza*, que devemos cha-

mar «*china* e não *chins*, porque esta pronunção, sendo de bons autores, está hoje antiquada no uso de bons modernos; comtudo não se póde condemnar absolutamente a pronunção antiga.» Ora, ou muito se enganou este Freire, ou as cousas mudaram de seu tempo para cá. Pelo menos aqui no Brasil, são mais correntes as formas *chim* e *chinez*. No feminino dizemos quasi exclusivamente *chinêza*; muito raro *china* (talvez porque esta palavra tem outro sentido em parte do Brasil, sentido ás vezes insultuoso. Tambem desusado é o masculino chinô. A forma *china* para o masculino é rarissimamente empregada entre nós, a não ser na locução *Ver o china secco* e no dito com que os garotos procuram embravecer os pobres chinezes vendedores de *Camalô*:

*China marreco  
Nariz de boneco!*

Creio, porém, que os chinezes quando chegam a falar portuguez, preferem chamar-se a si próprios *chinas*. E' o que deprehendo do titulo da aggregração da colonia chinesa, na Praça Tiradentes. Lá está escripto, na placa rubra, abaixo dos garranchos caracteristicos, a traducção: *Centro China do Brasil*. Será que *chim* venha a ser em chinês algum desafôro?

MESTRE-ESCOLA

### Correspondencia de Tres Palavrinhas

C. A. — Recebi seu recado a proposito de *vultuoso* e *vultoso*, e procurei

na indicada revista, no artigo do famoso pensador brasileiro, o *vultuoso*. Que quer que lhe faça. Não posso verificar agora se o illustre sergipano escreveu mesmo *vultuoso*, ou se o lapso foi da revisão na actual transcripção. De qualquer modo que seja, porém, está errado

J. S. F. — Ha d'Os *Lusiadas* uma reimpressão «fac-similada» da verdadeira 1.ª edição, de 1572. E' precedida de introducção e seguida de notas criticas do Dr. José Maria Rodrigues; a edição é da Bibliotheca Nacional, Lisboa 1921. Pedro Pinto e Afranio Peixoto deram ha pouco (1924) uma edição popular, com algumas notas, com que pretenderam divulgar o texto authenticos dessa edição princeps, uniformizando-lhe ao mesmo tempo a graphia, de accordo com a official portugueza. Esta edição é da Livraria Alves. Acho, porém, que ao professor não póde faltar a edição de Lencastre, ou pelo menos de José Agostinho (esta ultima com o nome de *Chave dos Lusiadas*). Tambem de Campos Monteiro ha uma edição annotada e paraphraseada, para uso das escolas, em tudo semelhante te á de José Agostinho. A edição de Lencastre (Francisco de Sales Lencastre, *Os Lusiadas*; Lisboa, Livraria Classica Editora, 1915) é actualmente rara aqui no Brasil, mas a *Chave* de J. Agostinho o prezado amigo encontra em todas as boas livrarias, ao preço de 10 ou 12 mil reis.

Creio que ahi está o que desejava saber.

MESTRE-ESCOLA

## EXPEDIENTE

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas em qualquer epoca, pelo preço de 9\$000 por anno para o Districto Federal e 10\$000, para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'Escola Primaria—Rua 7 de Setembro, 174—Rio de Janeiro.

As collecções dos annos anteriores são vendidas na mesma redacção ao preço de 10\$000 cada anno, em avulsos, e 12\$000 em volumes cartonados. Os pedidos de collecções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000, para o registro postal.

## BIBLIOGRAPHIA

DELGADO DE CARVALHO—*Methodologia do Ensino Geographico*.

O novo livrinho do estudioso professor patricio vem divulgar a esplendida orientação moderna, tão necessaria no ensino da geographia. E' sem duvida esta uma das disciplinas mais cruelmente assoladas pelos que, sem competencia, vêm ter ao ensino como um *pis-aller*, um ganha-pão em falta de coisa mais rendosa. Todo «amador» se julga habilitado a leccional-a. Pois não basta um pouco de memoria para decorar os nomes que traz o compendio? Contra este insensato modo de vêr é que o novo trabalho do sr. Delgado de Carvalho vem, em boa hora, combater, constituindo-se um livro de guia para os que enveredam pela aspera senda do professorado.

Nas escolas primarias do Districto Federal, orgulhamo-nos de dizel-o, ver á o esforçado pedagogo que já muito se tem feito no sentido da modernização que préga, e daqui o concitamos a examinar *de vista*, em varias dellas, a admiravel obra que vem sendo ha annos realizada. E grande prazer nos causa constatar que o que S. S. tão brilhante expoz nas *Notas á margem do programma*, quanto ao primeiro anno, em nada absolutamente differe da orientação que repetida e continuamente tem sido ministrada nas paginas da *Escola Primaria*, confiadas sempre a esforçados professores.

Muito interessantes, entre outros, os capitulos referentes á *região natural*, ao *compendio*, á *documentação*, *tests*, *processos graphicos*.

Aos jovens professores bem intencionados recommendamos, pois, o novo livro do sr. Delgado de Carvalho, que faz honra na verdade á cultura nacional.

ORESTES GUIMARÃES — *Sugestões sobre a Educação Popular do Brasil*.

O sr. Orestes Guimarães, inspector federal das escolas subvencionadas em Santa Catharina, apresenta em elegante opusculo as sugestões que em 1923 enviou ao sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores, a respeito do importante assumpto da educação popular.

E' o autor um apaixonado estudioso da materia, e a elle devemos já grande actividade, não só no cargo que exerce, mas em artigos, compendios, etc.

As suggestões ora apresentadas constituem um bello plano, estudado minuciosamente até quanto ás despezas que acarretará, e pode-se afirmar que nenhum administrador federal, obrigado a enfrentar o problema do ensino primario, poderá deixar de lado, sem lhe pesar os argumentos, o livro do illustrado funcionario.

ISAAC IZECKSOHN e L. DAVIDOVICH—*Problemas de Geometria*

Neste livrinho reuniram os autores numerosos problemas elementares de geometria, resolvidos cuidadosamente pelos processos mais faceis e mais claros.

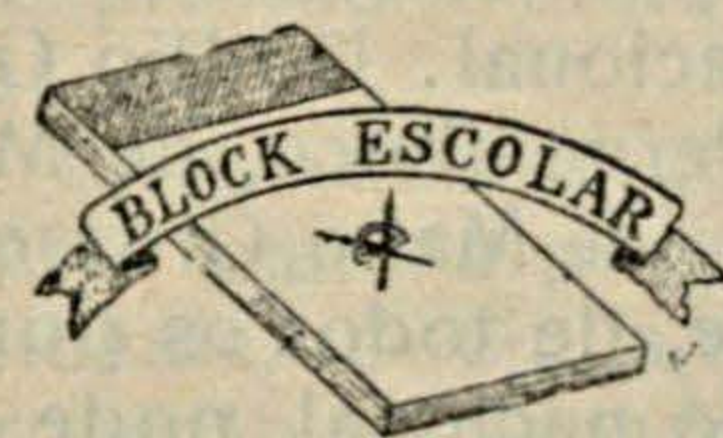
Sendo geral a procura, da parte dos professores do curso secundario, de livros de exercicios desse genero, só pode ser digna de louvor a iniciativa dos dois esforçados compiladores.

A obra está materialmente muito bem executada pela Livraria Alves.

OSORIO DUQUE ESIRADA—*Parnaso Infantil*

Muito acertado andou o illustre academico, não se dedignando desta obra de compilação. Grande, com effeito, era a difficuldade daquelles que tinham de escolher poesias boas, que possam ser recitadas por meninos e meninas. Andavam ellas esparsas, e as collectaneas existentes bem pouca coisa boa deparam. Esse embaraço está agora vencido em grande parte com a nova collecção, cuidadosamente realizada com o apuro de gosto do autor.

O livro é util e o autor está no imperioso dever de ir accrescendo, em edições futuras, a sua collecção, que quanto mais volumosa fôr mais serviços prestará aos professores e aos paes.



### BLOCK "ESCOLAR" para rascunho

Deve ser usado em todas as Escolas — Barato e higienico —  
Substitue a LOUSA com vantagem — No consumo das Escolas  
Publicas, dá 10% para a LIGA DA BONDADÉ—Pedidos :  
Telep. Central 1706

### III - LIÇÕES E EXERCÍCIOS

#### EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

##### Poder Judiciário

*Pode dizer-nos alguns casos particulares da competência da justiça local?*

Na maioria dos casos em que os cidadãos têm de invocar o poder judiciário, ou em que é necessário applicar a justiça, trata-se da justiça local. Assim, se alguém commetter contra outro um desses delictos de que ouves falar frequentemente: se lhe der uns sopapos, ou o agredir a pauladas, ou o ferir a faca, a punhal, a tiro, etc.; se lhe furtar ou roubar dinheiro ou um objecto qualquer; se contra outrem levantar calumnias; se o injuriar; se commetter estillionato, etc. cabe á justiça local punir o delinquente.

*Assim como desaba o edificio quando o architecto nelle violou a lei mathematica, assim tambem cáem os imperios quando se retira delles a lei eterna da justiça.*

LACORDAIRE.

Emfim, é tão vasta e esphera da competência desta justiça, que não poderei enumerar aqui um por um todos os casos.

*Como se ha de saber em cada caso, de qual das justiças é a competência?*

Pelas leis. Além da Constituição, que estabelece os lineamentos geraes da divisão, temos as leis proprias: a lei de organização e funcções da Justiça Federal, e a lei de organização da justiça local do Districto Federal, ou do Estado onde a gente se achar.

*Como é constituído o Poder Judiciário Federal?*

A justiça da União é administrada: pelo Supremo Tribunal Federal; pelos Juizes Seccionaes, substitutos e suplentes; por Tribunaes de Jury (um Jury especial, denominado Jury Federal, não o de que se fala correntemente).

*Que é o Supremo Tribunal Federal?*

O Supremo Tribunal é, como o nome está indicando, o mais alto órgão

da justiça da União. Acima delle ninguém tem a palavra para o fim de interpretar as leis e dizer, entre dois ou mais litigantes, com quem esteja a razão, o direito, a verdade, a justiça.

E' o summo interprete, aquelle que resolve em ultima instancia; o que deliberar, só elle proprio pode modificar, em certos casos, reestudando a materia, ouvindo novas allegações, revendo os processos. Deveis comprehender, portanto, que se trata de instituição merecedora da mais alta veneração. Imaginemos um instante que miseria seria a vida em uma nação, cujo mais alto órgão judiciário fosse composto de taes membros, que não infundisse respeito cego. Seria o mesmo que em um lar, não encontra-

rem os filhos em seu pae os indispensaveis elementos de honradez: o descalabro.

*Onde está collocado o Supremo Tribunal Federal?*

O Supremo Tribunal tem a sua séde na Capital da Republica, isto é, actualmente no Rio de Janeiro. Conheceis sem duvida o sobrio edificio em que funciona, na Avenida Rio Branco. Mas o estar no Rio de Janeiro não quer dizer que seja sua acção limitada á cidade, pois neste caso seria um tribunal de justiça local.

Sua jurisdicção estende-se sobre todo o territorio nacional. Do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, de Minas Geraes, do Pará, de Matto Grosso, do Amazonas, do Acre, de todos os pontos, emfim, do territorio nacional, pode, nos casos previstos na lei, erguer-se a voz de quem precisar de justiça, em busca do soccorro da mais alta instituição de justiça.

*Como é constituído Supremo Tribunal?*

O Supremo Tribunal compõe-se de 15 juizes, a que chamamos Ministros.

*Como são providos os logares de Ministro do Supremo?*

Os ministros do Supremo Tribunal são nomeados pelo Presidente da Republica, com approvação do Senado. Quer dizer que o chefe da Nação, depois de mandar lavrar o decreto de nomeação daquelle que no seu entender é digno de tal investidura, envia ao Senado uma mensagem, em que solicita approvação do acto.

*E' inteiramente livre o Presidente da Republica na escolha de tão alto magistrado?*

Dizer que o Presidente da Republica é «livre» é quasi irrisão. Não ha cidadão mais escravizado, pois depende de todas as leis e ainda mais, do constante tormento que é o saber se seus actos são os mais acertados e adequados. No mais simples acto administrativo vê deante de si terriveis responsabilidades. Como ha de ser livre, então, ao nomear o depositario de tanto o poder? De sorte que está o chefe da Nação obrigado em consciencia a escolher aquelle que pelos meritos proprios notorios se lhe affigure o mais digno. A Constituição exige apenas que o nomeie «dentre os cidadãos de notavel saber e reputação, que tenham os requisitos necessarios para senador,» isto é, que contem mais de 35 annos de idade, estejam na posse dos direitos de cidadão brasileiro, e sejam alistaveis como eleitores. Isto é muito pouco exigir. Mas o Presidente da Republica tem que ponderar a grandezza da responsabilidade que vae assumir o nomeado, sua influencia sobre os direitos dos cidadãos e a sorte da propria Nação, e muito ha de temer. De tal sorte comprehende-se que é apenas um modo de expressão o dizer-se que a escolha é livre.

Livre, dentro de condições estreitissimas para a propria consciencia do Presidente, e ainda com a condição da approvação do Senado. Como este consta de representantes da Nação, é assim o proprio povo quem homologa a escolha dos Ministros do Supremo, feita pelo

Presidente da Republica, tambem escolhido pelo seu voto.

*E o Senado pode deixar de approvar a escolha?*

Certamente. A submissão do acto á sua homologação não é mera deferencia. O Senado collabora na nomeação. Mas todos comprehendem, que sendo os poderes nacionaes harmonicos, ainda que autonomos, o Presidente não se iria expôr a ter sem homologação tal acto seu, e por isto só nomeia pessoa que, pelos meritos notorios, elle saiba merecerá tambem a confiança do Senado.

*Quem preside aos serviços do Supremo Tribunal?*

Os membros do Supremo Tribunal elegem dentre si um presidente e um vice-presidente.

*Quanto tempo dura o mandato do presidente e do vice-presidente do Supremo Tribunal?*

O presidente e o vice-presidente servem durante tres annos e podem ser reeleitos.

*Quem é actualmente o presidente do Supremo Tribunal Federal?*

Exerce actualmente o cargo de presidente do Supremo Tribunal o ministro dr. André Cavalcanti, ancião cheio de serviços á Patria.

*Qual a competencia do Supremo Tribunal?*

Seria fastidioso enumerar aqui todos os casos desta competencia, o que aliás bem pouco vos interessaria. Basta lembrar algumas das attribuições, como a de processar e julgar o Presidente da Republica nos crimes communs; julgar os recursos interpostos contra sentenças dos juizes seccionaes; proceder á revisão de processos criminaes findos, em beneficio dos réos condemnados por qualquer juiz ou tribunal, etc. Todos os casos de competencia vêm explicitamente indicados na lei.

*Que são juizes seccionaes?*

A estes tambem chamamos juizes federaes. São os que funcionam em cada «secção judicial».

*Que é uma secção judicial ?*

As secções judiciaes correspondem quasi rigorosamente ás unidades da Federação. Cada uma destas forma, em geral, uma secção, excepto o Districto Federal, que se divide em tres, e os Estados de S. Paulo e Minas Geraes, em duas. Ha, assim, o juiz federal do Amazonas, o do Ceará, o do Rio Grande do Sul, o do Estado do Rio de Janeiro, etc. ; os Juizes federaes de 1ª, 2ª e 3ª Varas do Districto Federal, os da 1ª e 2ª Varas de S. Paulo ou de Minas Geraes.

*Como são escolhidos os Juizes seccionaes ?*

Desde que se dá a vaga, abre-se um concurso de titulos. Os candidatos que tenham, pelo menos, quatro annos de exercicio da profissão de advogado ou de magistrado em qualquer parte do paiz, apresentam os documentos em que fazem valer seus meritos, sua capacidade para exercer o alto cargo. O Supremo Tribunal Federal toma conhecimento dos memoriaes e documentos e faz a classificação dos candidatos, enviando ao Executivo a lista dos tres classificados em 1º, 2º e 3º logar. Ao Poder Executivo compete então nomear um dos classificados.

*Que faz um Juiz seccional ?*

Compete ao Juiz seccional processar e julgar numerosas cousas, cuja completa enumeração, nos termos da lei, pouco vos interessaria, tendo o inconveniente de vos apresentar termos e expressões technicas, que embora muito simples vos trariam confusão. Basta lembrar

que em geral as questões da competência do Juiz federal são aquellas que dizem respeito aos interesses da Nação em geral ; aquellas em que se funda na Constituição ou nas leis federaes qualquer reclamação ou pretensão ; os litigios entre cidadãos de um Estado e cidadãos de outro Estado ; os crimes de moeda falsa e de falsificação de sellos e estampilhas, etc.

*Que são Juizes substitutos ?*

Na Justiça federal ha em cada secção um juiz substituto, nomeado pelo Presidente da Republica. A este juiz cabe principalmente o substituir o juiz seccional nos impedimentos deste. Cabem-lhe ainda outras funcções, discriminadas em lei.

*Que são Supplentes ?*

Os supplentes são substitutos do juiz substituto. Nomeia-os o Governo Federal.

*Que é o Jury Federal ?*

O Jury Federal é um tribunal composto de 12 juizes, sorteados dentre de 48 cidadãos qualificados como jurados na Capital do Estado onde tiver de funcionar o tribunal, e presidido pelo Juiz federal.

*Que faz o Jury Federal ?*

Compete ao Jury Federal o julgamento de certos crimes, indicados na lei. Não são crimes muito frequentes, e por isto raramente se reúne este tribunal.

OTHELLO REIS.

**Cathecismo Civico**

= DE =

**ARAUJO CASTRO**

A' venda nas principaes livrarias

Os preços marcados nas perfumarias expostas na  
«PERFUMARIA Á GARRAFA GRANDE»  
não admittem confronto  
66, Rua Uruguayana, 66 — RIO

**HISTORIA E GEOGRAPHIA****Historia**

3º ANNO

**Explicação dos feriados de 12 de Outubro e 13 de Maio**

12 DE OUTUBRO

Sobre a terra, como vocês vêem (mostrar no globo geographico) ha tres grandes massas de terra rodeadas d'agua. Chamam-se a estas extensões de terra—continentes e são : o Antigo, onde primeiro floresceu a civilização ; o Novo ou America e o Novissimo ou Oceania.

Os dois ultimos até o fim do seculo XV não eram conhecidos pela gente do Antigo.

Nessa ocasião, o maior interesse dos povos da Europa era ir ás Indias de onde traziam muitas riquezas. Mas as viagens eram longas e arriscadas, pois os viajantes iam por terra e muitas vezes acontecia serem aprisionados pelos mahometanos, homens de outra religião.

Tratava-se então de descobrir por mar um caminho que conduzisse ás Indias. Já os portuguezes tinham descoberto quasi toda a costa da Africa.

Foi quando Christovam Colombo, homem de grande saber, não ignorando ser a terra redonda, lembrou-se de que, se viajasse sempre para o occidente, havia de chegar ás Indias (acompanhar esta explicação sempre no globo).

E apesar de ter nascido na cidade de Genova, na Italia, foi ao rei de Portugal que apresentou sua idéa, pois, sendo os portuguezes o povo mais navegador, esperava ahi encontrar apoio.

Mas sua esperança foi illudida e, só depois de perseverar no seu desejo por muitos annos, conseguiu auxilio dos reis da Espanha, tendo tido por principal protectora a rainha Isabel.

Com tres navios, Sta. Maria, Pinta e Miña, partiu da Espanha, do porto de Palos, no dia 3 de Agosto de 1492 e seguiu rumo do Occidente.

Viajavam havia já dois mezes, era Outubro e não tinham ainda avistado terra ; os viveres começavam a escassear

e a maruja, aterrorizada com a lembrança de morrer de fome em alto mar, revoltou-se, querendo matar Colombo.

Nessa ocasião, porém, elle viu alguns signaes como páus a boiar e aves marinhas, que indicam terra proxima.

Pediu então aos marinheiros um prazo de tres dias, findos os quaes appareceria a terra. Assim foi; no dia 12 de Outubro foi vista a tão desejada terra.

E seus subordinados que o haviam querido matar, adoraram-no como a um Deus.

Desembarcaram numa ilha chamada pelos selvagens Guanahani e que Colombo chamou S. Salvador pois nella encontrára sua salvação.

Outras ilhas foram descobertas mas Colombo estava convencido de ter chegado ás Indias Occidentaes; dahi ter chamado aos selvagens—indios, nome por que até hoje são conhecidos.

Só mais tarde reconheceu-se tratar-se de um novo continente que se interpunha entre a Europa e as Indias e foi chamado *America*, em honra a Americo Vespuccio, o primeiro a revelar ao mundo, por mappas e descrições, a terra descoberta por Colombo.

Este fez mais algumas viagens nas quaes conheceu novas ilhas e alguns pontos do continente e, lamentemos a ingratidão humana, depois de ter recebido as maiores homenagens e de muito glorificado ter sido, morreu na miseria.

13 DE MAIO

Portugal luctou com grandes difficuldades para colonizar o Brasil, principalmente por ser este muito vasto, carecendo portanto de numerosa gente para exploral-o.

Começaram então os portuguezes, para terem braços que lavrassem as terras, a aprisionar os selvagens.

Ora, os indios tinham até então vivido em completa liberdade nas florestas, numa existencia errante, sem cuidados, como já lhes disse, e não podiam sujeitar-se ao trabalho regular accrescido.

dos máus tratos que naturalmente lhes davam os senhores. Além disso, os jesuítas os protegiam, oppondo-se a que os colonos os escravizassem.

Foi assim que se lembraram os portuguezes de ir á Africa buscar negros. Estes, de indole mais docil e afastados de sua terra mesmo na qual já conheciam o captiveiro, mais facilmente a elle se sujeitavam.

Eram vendidos por seus chefes na Africa a troco de espelhos, missangas, cachaça e trazidos para cá onde eram revendidos aos colonos, em praça publica.

Sua vida miseravel já começava a bordo onde vinham atirados em porões faltos de ar e de luz como se não foram sêres vivos.

Alguns senhores eram humanos e tratavam seus escravos com relativa bondade; outros, porém, não satisfeitos de exigirem delles o maximo de trabalho, alimentavam-nos e vestiam-nos mal e castigavam-nos com toda severidade pelas mais leves faltas.

Apezar disso, era o negro de tão bom natural que se afeiçoava ao senhor e á sua familia pelos quaes muitas vezes se sacrificava.

E a elle devemos o desbravamento do nosso solo e mais ainda a bondade da alma brasileira, herdada da raça africana.

Mas, sempre houve quem se insurgisse contra a monstruosidade de estarem captivos irmãos nossos e se o plano da Independencia do Brasil traçado por José Bonifacio tivesse sido seguido á risca, em 1830 não teria havido mais um só escravo no Brasil.

No emtanto, o grupo dos que desejavam ver o negro livre crescia sempre e formou-se a campanha chamada da Abolição.

Os abolicionistas foram obtendo diversas leis em favor dos escravos até que foi decretada em 13 de Maio de 1888 a lei final; desde então não houve mais escravos em nossa Patria.

Essa lei chamada «Aurea» foi assignada pela princeza Isabel que governava o Brasil na ausencia de seu pae o imperador D. Pedro II.

C. PADILHA

## GEOGRAPHIA

### Circulos do globo

Tome-nos novamente a laranja. Cortemol-a agora em gommos, e teremos idéa exacta dos *meridianos*. Que são, pois, os meridianos? São circulos que passam pelos polos. Cada um delles divide a Terra em hemispherios, mas emquanto os hemispherios determinados pelo equador são um ao Norte e outro ao Sul, temos agora, separados por um meridiano, um hemispherio *oriental* e outro *occidental*. Eis ahi por que definimos habitualmente o meridiano como sendo o circulo que divide a Terra em dois hemispherios, um oriental e outro occidental.

Vêde bem que o meridiano, segundo acabamos de definir, é um circulo, isto é, um *plano*. Um plano que corta o globo terráqueo de Norte a Sul; que é, naturalmente, perpendicular ao equador; que contém, inteiro, o eixo da Terra.

Até onde vae esse plano?, certo perguntareis. Poderia dizer-vos que é infinito mas havieis de perguntar então:— Como pode ser infinito um circulo? Pois não é limitado pela circumferencia? E eu vos explicaria então que esse plano só é limitado pela esphera celeste, e dahi o ser um circulo. Mas, como a esphera celeste pura apparencia, se acha a distancia infinita, podemos perfeitamente dizer que o raio desse circulo é infinito.

Se nos fosse possivel collocarmos fóra da Terra e imaginassemos então o plano que corta de Norte a Sul o nosso globo, teriamos um hemispherio á nossa direita: o hemispherio oriental; e outro á esquerda, o hemispherio occidental.

Vêde no globo que representa a nossa Terra, nesse globo geographico, que tendes sobre a mesa, como se acham representados os meridianos: são estas linhas azues, traçadas em torno do globo, passando pelos dois polos.

Sabeis perfeitamente que os meridianos são circulos. Mas tambem damos tal nome a estas linhas, segundo as quaes cortam os meridianos a Terra. De tal sorte, temos agora nova definição de meridianos: são estas circumferencias traçadas em torno do globo, passando

pelos dois polos. Tal a definição dos meridianos considerados como linhas. Ainda temos novidade, de que deveis estar informados. E' que tambem podemos chamar meridiano a esta porção tão somente, da circumferencia, que vae do polo Norte ao polo Sul.

Percebestes, portanto, que a tres coisas chamamos meridiano, A qual dellas nos referimos em dado momento, é coisa facil de distinguir pelo sentido. Quando se trata da metade da circumferencia, ás vezes dizemos *semi-meridiano*.

Se o meridiano é traçado no sentido Norte-Sul, não tereis duvida em admitir que em qualquer lugar do globo a direcção Norte-Sul é aquella em que passa o meridiano desse lugar. Por isso, á linha, traçada, ou assignalada, ou mesmo imaginada no terreno, rigorosamente no sentido Norte-Sul, damos o nome de *Meridiana*. A meridiana é perpendicular á linha Leste-Oeste.

Uma questão agora se nos apresenta. Quantos meridianos haverá no globo? Pela propria definição do Meridiano, como pela da Meridiana, deveis logo vêr que tantos, quantos queiramos traçar.

Ha, portanto, um meridiano que passa pelo lugar exacto em que estou; outro que passa pelo ponto em que se acha cada um de vós. Mais ainda: entre dois pontos muito, muito proximos, escolhidos mesmo sobre vossas carteiras, podeis imaginar um numero infinito de meridianos.

Para, por meio dos meridianos, podermos assignalar a posição em que se acha um ponto sobre o globo, imaginamos 360 meridianos (para falar com precisão: semi-meridianos) traçados no globo, e dizemos que cada intervallo entre elles vale *um gráo*. O intervallo de um gráo, dividimos em 60 intervallos de *minutos* e cada intervallo de minuto em 60 intervallos de *segundo*.

Dentro em pouco teremos de voltar ao estudo desta divisão, quando chegar a occasião de vos entreter a respeito das coordenadas geographicas.

Por ora, consideremos o globo que se acha sobre a mesa. Estão ali representados os meridianos. Vêde a numeração delles, inscripta aqui sobre o equador. São os meridianos traçados de 10 em 10 grãos. Em outros globos poderis encontral-os de 15 em 15 grãos ou ainda com outros intervallos.

Estaes, pois, bem informados a respeito do traçado dos meridianos. Em todo paiz ha um meridiano particularmente notavel: é o que passa pelo observatorio astronomico principal, official, desse paiz. Tal meridiano serve de base para estudos e calculos scientificos importantes. Dizemos que é o meridiano de *tal* ou *tal cidade*, embora pela mesma cidade passem muitos meridianos, conforme vistas. Assim, aqui no Rio de Janeiro ha certamente, o meridiano que passa pelo obelisco da Avenida Rio Branco, o que passa pelo alto do Pão de Assucar, o que passa por este pedaço de giz que está em minha mão, e até o que passa pelo biquinho da penna de cada um de vós, mas um só é o *meridiano do Rio de Janeiro*: o que passa pelo Observatorio astronomico de nossa cidade. Mas sendo o Observatorio um edificio tão vasto, por onde exactamente passará o meridiano?

Meus amigos, se algum dia, como é de desejar e de esperar, subirdes ao morro de S. Januario, no arrabalde de S. Christovam, e percorrerdes, guiados pelos dedicados e sabios astronomicos nacionaes que ahi trabalham, as intallações desse notavel estabelecimento scientifico, lá vereis, assignalada por meio de dois pilares de alvenaria, a direcção verdadeira do meridiano. O meridiano geographico verdadeiro é o que passa por um instrumento astronomico, uma *luneta meridiana*, collocada exactamente, rigorosissimamente na direcção Norte-Sul.

Nós, porém, que não vamos emprender trabalhos astronomicos, não exigiremos tamanho rigor. Para nós, a linha Norte Sul, traçada com algum cuidado é a meridiana; por ahi passará o meridiano. E para achar essa direcção? O nascer e o pôr do Sol, a bussola, a posição do Cruzeiro, etc. São meios pouco rigorosos, mas que podem servir para dar uma direcção aproximada, desde que se tomem providencias no sentido de melhorar as indicações grosseiras obtidas por taes meios. Uma direcção exacta não podereis ter sem instrumentos de astronomia e sem a observação acurada dos astros durante noites a fio.

Para obtermos, pois, a direcção do meridiano, bastará procurar a direcção Norte-Sul. Imaginemos um muro verti-

cal, nessa direcção: esse muro está no plano do meridiano.

Agora um facto importante. Se construirmos esse muro, veremos que todos os dias ao meio dia o Sol está passando por cima delle. Ao meio dia não haverá sombra nem para Leste, nem para Oeste, mas tão só para o Norte ou para o Sul, conforme a época do anno.

Podeis então firmar este facto: meio dia é a hora em que o Sol passa (isto é, *parece passar*) pelo meridiano do lugar. Fique dito porém, que esse é o *meio-dia solar*, e que os relógios officiaes differem um pouco dessa hora, por motivos que não poderéis, por emquanto apprehender. Se, porém, tiverdes a direcção exactissima do meridiano e acertardes vosso relógio pondo os ponteiros no meio-dia no momento em que o Sol estiver rigorosamente no meridiano, podeis commetter em erro, mas este erro será, no maximo de 16 minutos e 20 segundos, o que é bem pouco.

E não se poderia pôr logo justo o relógio? Sim, se possuídes uma taboa da *equação do tempo*. Mas que é a equação do tempo? O que é preciso augmentar ao meio-dia solar, ou delle diminuir, para se obter a hora média, que é a official. E onde buscar a equação do tempo?

O Anuario do Observatorio volará. Supponhamos, por exemplo, que hoje, 20 de Junho, observaes o Sol no momento em que passa pelo meridiano. Mas as taboas do Observatorio vos dizem (paginas 25) que no dia 20 de Junho de 1925 a equação do tempo é *mais* 2 minutos 19,73 segundos. Quer dizer que no momento exacto em que o Sol passar pelo meridiano, deveis pôr o relógio a indicar 2 minutos 19,73 segundos (poreis naturalmente 20 segundos) *depois* do meio-dia.

Considerae, pois meus amigos, que

é afinal de contas o Sol quem acerta os nossos relógios, mas para tel-os rigorosamente certos não podemos prescindir do trabalho dos astrónomos, que curvados sobre a mesa de estudo, ou de olho collado á ocular das lunetas e telescopios sonda, perscruta, domina as maravilhas e os mysterios do Orbe. Emquanto dormis em vossas camas, halá no alto, nos observatorios, homens que estudam o maravilhoso arranjo dos mundos que a mão de Deus lançou no espaço, e construindo os thesouros da sciencia da astronomia. Grande e louvavel occupação de sabios! Se um dia, disse um delles certa vez, amanhecesse, destruida toda a obra da astronomia: os livros, as tabellas, os calculos, os aparelhos, com que pouco a pouco a humanidade se enriqueceu, e se destruísse tudo o que depende dos conhecimentos astronomicos do mundo, que medonho salto para traz, para o escuro, para a ignorancia, daria essa humanidade! Porque já nem os relógios regulariam, nem os navios sahiriam para as viagens dos Oceanos, nem... Mas seriam tantos os desastres, que não vale a pena estar a imaginar consequencias deste absurdo. A verdade é que os astrónomos têm feito enorme bem ao progresso do mundo.

Por que vos estou a dizer isso? Porque quando alguém fala de astronomia e de astrónomos, bem poucos acreditam que se trate de coisa util e practica, e de homens que prestem serviço reaes ao paiz e ao mundo. Para muitos, se-j astronomo é passar as noites a vêr deslissarem os astro no silencio do céu: occupação poetica, descansada, mas tão inutil como fazer máos versos à lua, á noite, ao mar. Como se enganam esses, meus amigos, como estão longe da verdade

OTHELLO REIS

## LINGUA MATERNA

1.º ANNO

*Recitação*

No alto estouram foguetes  
Emquanto sobem balões  
E as crianças mais ditosas  
Cantam alegres canções.

A noite é fria; qu'importa?  
Agasalhadas, quentinhas,  
Ellas soltam, das janellas,  
Chuveiros, bichas, rodinhas.

Que fazem porém, as outras,  
Si lhes falta, mesmo o pão?  
Escutam, das mães bondosas,  
A historia de S. João.

Assim, ha sempre um consolo  
Para quem procede bem.  
Seja rico, seja pobre,  
Deus não despreza ninguém.

2.º ANNO

Conto — *As rosas de Mariazinha*

Vendo alguns collegas offerecerem todos os dias, flores á professora, Mariazinha sentia profunda tristeza. Ella tambem gostava tanto de D. Aracy, a boa mestra, mas nunca lhe levava uma flor. E' que morava numa casa pequena, sem quintal, com uma area commum a outros moradores, onde era impossivel colher flores porque matavam as plantas, e, ao florista, não nas podia comprar porque não tinha o dinheiro necessario. Por muito tempo soffreu a pobrezinha aquella tortura.

Chegou o dia de seu anniversario natalicio. Clarinha, uma de suas amigas, offereceu-lhe o mais bello ramo de rosas que ella poderia imaginar.

Branças e vermelhas, as lindas flores enfeitaram e perfumaram, naquelle dia e no seguinte, que foi domingo, a modesta salinha de visitas que se tornou encantadora.

Na segunda-feira a menina pode, afinal, realizar seu velho desejo: levou duas rosas para a professora.

Pelo caminho seguia vagarosa, e cheia de cuidados.

Chegando á escola, quando entregava as flores e sorria no maior contentamento, o José, seu colleginha, passou distrahido e... zás, lá foram voando pelo ar, como feliz bando de borboletas, as petalas perfumosas e avelludadas. Mariazinha pôs-se a chorar; a professora tambem ficou triste, mas falou: Não chores, filhinha; agradeço-te as flores, do mesmo modo que, si ellas pudessem adornar ainda nossa mesa. Olha, as petalas acabam de pousar no solo; vae cá-tá-las com José.

Apresentando-lhe os meninos as mãosinhas cheias de petalas, D. Aracy levou-os a deposital-as no canteiro da escola, onde plantou as hastes das rosas, explicando-lhes como obteriam mêses depois, flores tão bellas quaes foram, e promettendo á menina deixa-la colher as primeiras.

Mariazinha consolou-se e aguarda a primavera para admirar as rosas que está cultivando com a mestra e os collegas.

Nota—Lido o conto, poderá a professora interrogar os alumnos a respeito e, reproduzindo expressões conhecidas: «terra fraca, terra cansada», explicar-lhes á que as plantas se alimentam e, por isso, a terra, depois de algumas producções successivas, necessita de adubo, isto é, de alimento novo para ellas. Estabelecendo paralelo entre a vida do vegetal e a do animal, facilmente se fará entender e tornará interessante a aula. Tambem lhes mostrará que as hastes das flores são partes do caule, e, como podem as raizes desenvolver-se nesse organo, não era difficil, com os cuidados da professora e dos meninos, obter as rosas esperadas por Mariazinha, cujo temperamento affectuoso fará realçar.

3.º ANNO

Dictado—*Os passarinhos*

Protegendo o ninho, a arvore protege o homem. Por que?  
Porque os passarinhos são os me-

—CASA CIRIO—

Grande sortimento de artigos dentarios

Perfumaria e cutilaria  
finas

Importação directa dos Estados Unidos e Europa

Julio Berto Cirio

RUA DO OUVIDOR, 183

Telephone N. 1317 Norte—Caixa Postal n. 15

END. TELEG. CIRIO

RIO DE JANEIRO

hores e mais activos defensores de nossas lavouras, de nossa vida e saúde.

Sem auxilio dos passarinhos, esses caçadores vorazes e ageis, o mundo acabaria, devastado por legiões de lagartas, gafanhotos, moscas e mosquitos.

Quantas doenças mortaes ou repugnantes, as ferroadas de alguns desses insectos transmittiriam á gente do campo, si a fome e a actividade dos passaros não a preservassem do mal, anniquillando-lhes o inimigo?—Não mateis os passarinhos.

## 4.º ANNO

Carta a um amiguinho. Tratamento de tu.

Escrevei-lhe cheio de contentamento a fim de communicar-lhe que estaes em preparativos para as festas joanninas.

Dizei-lhe que pretendeis ir gosá-las na roça, onde ha mais liberdade e graça, e, para isso tomastes quinze dias de férias.

Deveis partir dentro de tres dias para assistir ainda aos preparativos para os festejos.

Antegosaes os prazeres; pretendeis fazer as classicas sortes, pular fogueiras, soltar balões.

Uma das priminhas vos escreveu dizendo terem chegado os fogos de artifício.

Certamente vereis, portanto, subirem muitos balões, estourarem foguetes de lagrimas, bombas... Oh! que prazer!

E os doces que a titia estará preparando para a ceia de S. João, a cangica de milho verde, batatas, canna... sentis agua na bocca. Certo de que vosso amiguinho gostará de assistir á festa de S. João na roça, o que, para elle será novidade, convidae-o.

Aguardando resposta favoravel, despedi-vos.

## 5.º ANNO

## Conto—Patriotismo

Brisa suave e perfumada passava, agitando a folhagem do jardim. Aquelle

sussurro misturado ao murmurejar do regato que corria não muito longe d'alli, chegando aos ouvidos de Lili, bella sertaneja educada e instruida na cidade, despertou-a da abstracção em que se achava.

Tinha o pensamento muito longe. Pensava nas pobres criancinhas desafortunadas que andavam maltrapilhas, perambulando na aldeia, completamente analfabetas, acostumando-se aos vicios. Que seria desses meninos?

Mergulhados na horrivel cegueira da ignorancia, que cidadãos se preparariam?

Habitados ao vicio, á ociosidade, iam crescendo inuteis. Era preciso salvar aquellas pobres criaturinhas, victimas do meio, encaminhando-as á escola, onde lhes daria a beber, em grandes tragos, a luz da sciencia, para torná-las uteis a si, á familia á sociedade e á Patria.

Que seria de seu grandioso Brasil, si se descuidassem as crianças, risonha promessa do futuro, si lhes não ensinassem o civismo, não lhes despertassem o amor pela Patria, mãe commum?

Pretendendo salvar uma geração que promettia cidadãos fortes e capazes de trabalhar pelo progresso do Brasil e alli se anniquilava, Lili tomou uma resolução inabalavel.

Animada por sua perseverança e amor á terra natal, percorreria as ruas da villa, atrahindo as crianças a sua casa sob promessa de balas e confeitos.

Levadas pelo interesse, no dia seguinte a casa de Lili estava cheia de crianças palradoras, que, entre risos, ouviam os conselhos da joven mestra e iniciavam a alphabetização.

Passaram-se annos.

Sem esmorecer, proseguiu Lili na cruzada em boa hora encetada, conseguindo, em alguns annos de trabalho proficuo, que desaparecessem os analfabetos da aldeia onde vivia feliz.

Dedicou-lhes a mocidade.

Despertados pelo amor á Patria, ditosos então, bemdizendo o nome de Lili, sua bemfeitosa, as criancinhas de hontem, hoje fortes cidadãos, filhos dignos da terra em que nasceram, veneraram aquella que deu provas cabaes de patriotismo e humanidade.

Já velha, vendo desfilarem os regimentos animados pelo toque do clarim,

## 7.º ANNO

Carta ao Sr. Barão de Teffé—*Trat. vós Direcção.*

Tão raro é sobreviverem os homens muitos annos dos factos em que fizeram jus á consagração historica, que difficilmente têm as crianças ensejo de manifestar-lhes a admiração que o estudo desses factos, por elles lhes desperta.

Entretanto o culto desses homens está intimamente ligado aos dos feitos honrosos da Patria, e, fazê-lo, é elevar-se, é trabalhar o proprio aperfeiçoamento. Por isso não vos podeis furtar ao goso ineffavel e mesmo ao delicado dever de, em nome da infancia brasileira, escrever ao sr. Barão de Teffé, unico dos commandantes da batalha naval de Riachuelo, travada entre brasileiros e paraguayos a 11 de junho de 1865, domingo da Santissima Trindade, que ainda hoje vive, e acaba de receber, do sr. Prefeito, uma prova de gratidão nacional.

Dizei-lhe que, rememorando esse brilhante feito em que tão galhardamente se houveram nossos patricios, a lutar com inimigo terrivel pela bravura, muitas vezes superior em numero, e, além disso, senhor de todas as vantagens de evolução no canal tortuoso do rio Paraná onde surprehendeu a esquadra nacional, não podeis dominar vosso entusiasmo por Barroso, Hoonholtz (o Barão de Teffé, a quem escreveis) e seus companheiros.

Terminae, pedindo licença para depôr um respeitoso beijo nessas mãos bondosas que, emquanto o cerebro resolvia e a voz ordenava, agilmente lançavam taboas e vigas salvadoras aos combatentes cahidos á agua no ardor da peleja.

Despedida respeitosa.

*N. Siqueira e Inah Martini*

Nota—Houve no precedente numero erros de impressão que o leitor facilmente corrige; um periodo, porém ficou illegivel, por suppressão de palavras, por isso o reproduzimos:

Poderá tambem alludir, de modo muito simples, lembrando casos de prescripção e prohibição, á propriedade medicinal do café, para fazer comprehender que não no podemos usar em excessso.

ouvindo o apito das fabricas e o silvo das locomotivas, contemplando a passagem de bandos de alegres crianças que se dirigiam para as escolas estabelecidas, então, na villa cuja civilização, era, por assim dizer, obra sua, Lili, sorria; enviava um beijo á Patria querida; saúdava aquella gente forte de animo, intelligente e patriota, e, em voz debil, proferia: Viva a Mocidade brasileira!

## 6.º ANNO

Sendo tão importante o conhecimento das funcções das palavras, para a boa construcção da phrase, a comprehensão exacta do texto e sua consequente analyse, conhecimento adquirido facilmente com exercicios em que o mesmo vocabulo varia de funcção, cumpre organizar exercicios como—

Distinguir a categoria grammatical do *que* nas phrases seguintes:

O homem que beneficia o proximo, busca para si mesmo a felicidade. Que horas marca o relógio da escola? Que noite maravilhosa! Eis a flor de que te falei. «O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever» phrase com que Barroso inflammou em seus commandados o ardor civico e que lhes garantiu a brilhante victoria de 11 de Junho de 1865.

Tanto aspirou o perfume da flor, que entonteceu. Dá-me o recado, que eu o transmittirei fielmente. Meu pae insiste que compareças a nossa festinha. A vida é tão curta, que se deve torná-la doce embora isso custe algum sacrificio. Laura pediu-me o livro, de tal modo, que não lh'o pude negar Desejo que faças feliz viagem. A que horas partiste? Não sei mais que palavras empregue para convencer-te. E' tal a eloquencia d'aquelle sacerdote, que converte os maiores incredulos. O cravo é menor que a rosa. Tens mais dinheiro que eu. Não salto a valla que tenho medo de cahir. O advogado da defêsa empregou taes argumentos, que os jurados absolveram unanimemente o réu; entretanto, Deus, que tudo conhece, sabe que houve injustiça naquella sentença. Estuda, que saberás. Chorou tanto, que suas lagrimas seccaram. Não convém abusar do *que*.

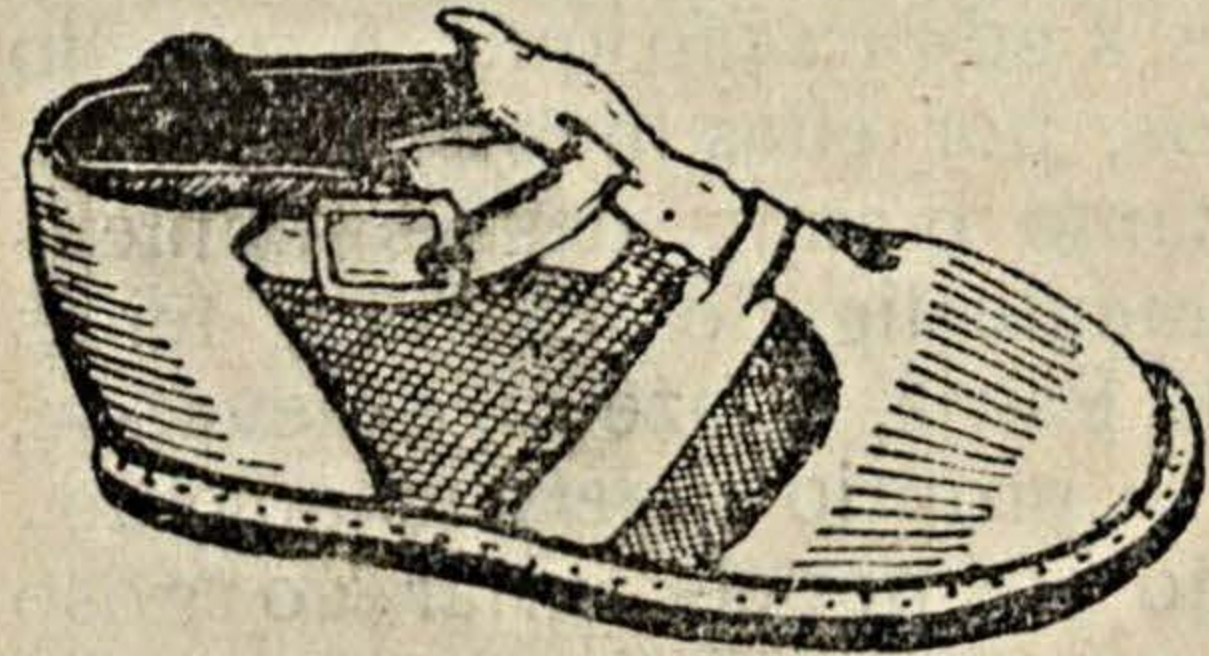
# Casa Guiomar

Calçado "dado"

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

AVENIDA PASSOS, 120—Rio

A CASA GUIOMAR lança no mercado mais uma  
marca de sua criação



BA-TA-CLAN

Em vaqueta escura:

de ns. 17 a 26..... 5\$500  
de ns. 27 a 32..... 6\$500  
de ns. 33 a 40..... 8\$500

Envernizadas:

de ns. 17 a 26..... 8\$000  
de ns. 27 a 32..... 10\$000  
de ns. 33 a 40..... 12\$000

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o  
interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

Chocolate e café Só

# ANDALUZA

RIO DE JANEIRO

FABRICA

RUA DOS ADRADAS

Elixir  
de  
**INHAME**

Impurezas do sangue,  
molestias da pelle,  
syphilis adquirida  
ou hereditaria.

**DEPURA FORTALECE-ENGORDA**

Tão saboroso como qualquer  
licor de mesa

Lic. em 17-10-914 sob o N° 255

## Preparados de ORLANDO RANGEL

**KOLATENO**

O MAIOR TONICO  
da fadiga nervosa,  
da fadiga cerebral, da  
depressão em geral  
Composição de kola  
fresca, malt  
e phosphato de sodio  
Licença da Saude Publica  
n. 726

**BOLDENO**

Corrige a insufficiencia  
hepatica, biliar,  
a congestão chronica  
do figado dos dyspep-  
ticos e a retenção biliar  
na vesicula.  
BASE: boldo, pichi  
e benzoato de sodio  
Licença da Saude Publica  
n. 767

**CASCARENO**  
(Cascarina Glycerinada)

Sem igual para  
combater  
a prisão de ventre  
habitual  
e a dyspepsia gastrica  
Reeduca o intestino  
Licença da Saude Publica  
n. 96

**VALERENO**

Indicado contra:  
espasmos, hysteria  
e accidentes nervosos  
ligados a este estado.  
BASE: valeriana fresca  
esterilizada e simulo  
Licença da Saude Publica  
n. 767

RANGEL COSTA & C. — 83, Rua da Assembléa, 85 — RIO DE JANEIRO

## BARATISSIMO

Serviço dactilographicos.

Point-a-jour com perfeição

ROCILDA PIAUHYLINA LOPES

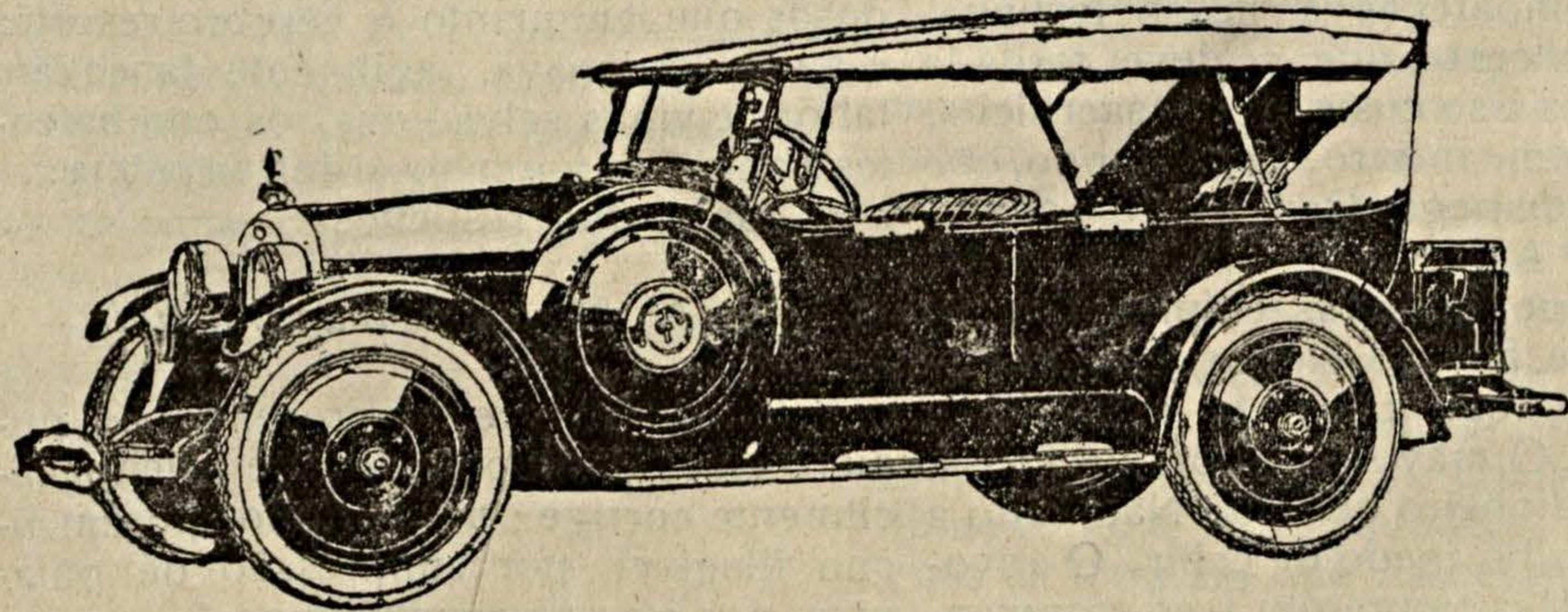
Aurora 225 — 2º andar

RECIFE

## «NASH» o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade, duração e economia.  
O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades  
como pelas vantagens que offerece aos chauffeurs e particulares

VENDA A LONGO PRAZO



OS NOVOS MODELOS DOS CARROS NASH DE 4 E 6 CYLINDROS

AUTO GERAL

Companhia Commercial e Maritima

RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — (Esq. da Av. Rio Branco) RIO DE JANEIRO

## UNIÃO MANUFACTORA DE ROUPAS

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul

(Sociedade Anonyma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500:000\$000

FABRICAS:

RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412—RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45.

RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Departamento de Vendas Geraes — RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Escritorio — RUA HADDOCK-LOBO, 406, 408, 410 e 412



# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 19

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional . . . . .	\$600
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
3º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . . . . .	\$60
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$50
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$50

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	3\$500

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica . . . . .	1\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
O Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães . . . . .	1\$000
Primeiras Leituras . . . . .	2\$000
Leituras Moraes . . . . .	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura . . . . .	1\$500
Cartilha . . . . .	1\$800
Leitura Preparatoria . . . . .	2\$500
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	3\$000
4º Livro de Leitura . . . . .	4\$000

## JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$500
5º Livro de Leitura . . . . .	4\$000
Leituras Praticas . . . . .	3\$000
Fabulas (em verso) . . . . .	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria . . . . .	2\$000
Leitura para o 2º anno . . . . .	2\$500
Leitura para o 3º anno . . . . .	2\$000
Leitura para o 4º anno . . . . .	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias . . . . .	2\$000
1º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
4º Livro de Leitura . . . . .	3\$000

## ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura . . . . .	\$900
Novo 1º Livro de Leitura . . . . .	1\$000
2º Livro de Leitura . . . . .	2\$500
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$500

## SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000
Segundo Livro . . . . .	1\$000

## FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler . . . . .	\$500
2º Livro de Leitura . . . . .	1\$600
3º Livro de Leitura . . . . .	2\$000
Excursões escolares . . . . .	1\$000

## DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro . . . . .	1\$500
Vida Infantil 2º Livro . . . . .	2\$000
Vida Infantil 3º Livro . . . . .	2\$000

## COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro . . . . .	1\$000
Novos principios de Leitura . . . . .	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte . . . . .	2\$000
Guia Infantil, as 2 partes . . . . .	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte . . . . .	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte . . . . .	2\$000
Compendio de Historia Sagrada . . . . .	3\$000
Noções de Sciencias . . . . .	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.) . . . . .	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.) . . . . .	6\$000
E. DE AMICIS — Coração . . . . .	2\$000

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente . . . . .	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios . . . . .	3\$500
" " Patria Brasileira . . . . .	3\$500
" " Theatro Infantil . . . . .	2\$500

## CORNAZ

As creanças e os animaes . . . . .	1\$500
Novos Amigos . . . . .	2\$070
CORREIA e BARRETO — Era uma vez . . . . .	2\$000
A. M. PINTO — Proverbios populares . . . . .	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura Comple- mentar . . . . .	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar . . . . .	3\$500

## TANCREDO AMARAL

Livros das Escolas . . . . .	3\$000
------------------------------	--------

## BARRETO E LAET

Anthologia Nacional . . . . .	6\$000
-------------------------------	--------

## EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira . . . . .	6\$000
---------------------------------	--------

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos . . . . .	3\$000
Selecta Classica . . . . .	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico . . . . .	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta . . . . .	1\$500

## A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica . . . . .	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infantis . . . . .	3\$500
L. FERDINAND — Lyra das Creanças . . . . .	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras . . . . .	2\$000

Remettemos o nosso catalogo gratis, para todo o Brasil